

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2023 - Estado da Questão

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins
Design gráfico e paginação: Paulo Freitas

ISBN: 978-972-9451-98-0

Edição: Associação dos Arqueólogos Portugueses, CEAACP, CEIS2o e IA-FLUC
Lisboa, 2023

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Planta das ruínas de Conímbriga. © Museu Nacional de Conímbriga



Apoio Institucional:



Índice

- 15 Prefácio
José Morais Arnaud
- 1. Pré-História**
- 19 O potencial informativo dos *Large Cutting Tools*: o caso de estudo da estação paleolítica do Casal do Azemel (Leiria, Portugal)
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas
- 33 PaleoTejo – Uma rede de trabalho para a investigação e para o património relacionado com os Neandertais e pré-Neandertais
Telmo Pereira / Luís Raposo / Silvério Figueiredo / Pedro Proença e Cunha / João Caninas / Francisco Henriques / Luiz Oosterbeek / Pierluigi Rosina / João Pedro Cunha-Ribeiro / Cristiana Ferreira / Nelson J. Almeida / António Martins / Margarida Salvador / Fernanda Sousa / Carlos Ferreira / Vânia Pirata / Sara Garcês / Hugo Gomes
- 45 A indústria lítica de malhadinhas e o seu enquadramento no património acheulense do vale do Tejo
Vânia Pirata / Telmo Pereira / José António Pereira
- 61 O Abrigo do Lagar Velho revisitado
Ana Cristina Araújo / Ana Maria Costa / Montserrat Sanz / Armando Lucena / Joan Daura
- 75 Contributo para o conhecimento das indústrias líticas pré-históricas do litoral de Esposende (NW de Portugal)
Sérgio Monteiro-Rodrigues
- 95 À volta da fogueira na pré-história: análise às estruturas de combustão do Sul de Portugal – a Praia do Malhão (Odemira)
Ana Rosa
- 105 O projecto LandCraft. A intervenção arqueológica no abrigo das Lapas Cabreiras
João Muralha Cardoso / Mário Reis / Bárbara Carvalho / Lara Bacelar Alves
- 119 A ocupação pré-histórica de Monte Novo: local de culto e de habitat
Mário Monteiro / Anabela Joaquinoto
- 135 A formalização de espaços públicos durante o Calcolítico no Alto Douro Português: as Grandes Estruturas Circulares do Castanheiro do Vento (V. N. de Foz Côa)
Ana Vale / João Muralha Cardoso / Sérgio Gomes / Vítor Oliveira Jorge
- 149 Em busca da colecção perdida (1): Vila Nova de São Pedro no Museu Municipal de Vila Franca de Xira
César Neves / José Morais Arnaud / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 167 De casa em casa: novos dados sobre o sítio pré-histórico do Rio Seco/Boa-Hora (Ajuda, Lisboa)
Regis Barbosa
- 179 Um contributo para o estudo das Pontas Palmela das «Grutas de Alcobaça»
Michelle Teixeira Santos / Cátia Delicado / Isabel Costeira
- 195 Monte da Ponte (Évora): Um cruzamento entre o positivo e o negativo?
Inês Ribeiro
- 203 Peças antropomórficas da necrópole megalítica de Alto de Madorras. Abordagem preliminar ao seu estudo e valorização no âmbito do Projecto TSF – Murça
Maria de Jesus Sanches / Maria Helena Barbosa / Nuno Ramos / Joana Castro Teixeira / Miguel Almeida

- 219 Apontamentos sobre o monumento megalítico da Bouça da Mó 2, Balugães, Barcelos (Noroeste de Portugal)
Luciano Miguel Matos Vilas Boas
- 227 A Mamoia 1 do Crasto, Vale de Cambra. Um monumento singular
Pedro Manuel Sobral de Carvalho
- 241 À conversa com os ossos: População do Neolítico Final/Calcolítico da Lapa da Bugalheira, Torres Novas
Helena Gomes, Filipa Rodrigues, Ana Maria Silva
- 253 Dos ossos, cacos, pedras e terra à leitura detalhada das práticas funerárias no 3º milénio a.C.: o caso do Hipogeu I do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Maria João Neves
- 267 Os sepulcros da Pré-História recente da Quinta dos Poços (Lagoa): contextos e cronologias
António Carlos Valera / Lucy Shaw Evangelista / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 285 Quinta dos Poços (Lagoa): Dados biológicos e práticas funerárias dos Sepulcros da Pré-História Recente
Lucy Shaw Evangelista / Eduarda Silva / Sofia Nogueira / António Carlos Valera / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 299 Everything everywhere? Definitely not all at once. Uma aproximação inicial às práticas de processamento de macrofaunas da Pré-História recente do Centro e Sul de Portugal
Nelson J. Almeida / Catarina Guinot / António Diniz
- 313 Um sítio, duas paisagens: a exploração de recursos vegetais durante o Mesolítico e a Idade do Bronze na Foz do Medal (Baixo Sabor, Nordeste de Portugal)
João Pedro Tereso / María Martín Seijo / Rita Gaspar
- 327 Análise isotópica estável ($\Delta^{13}C$) em sedimentos de sítios arqueológicos
Virgínia Lattao / Sara Garcês / Hugo Gomes / Maria Helena Henriques / Elena Marrocchino / Pierluigi Rosina / Carmela Vaccaro
- 333 Sobre a presença de sílex na Praia das Maçãs (Sintra)
Patrícia Jordão / Nuno Pimentel
- 345 Lost & Found. Resultados dos trabalhos de prospecção arqueológica realizados no vale do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça, Leiria)
Cátia Delicado / Leandro Borges / João Monte / Bárbara Espírito Santo / Jorge Lopes / Inês Sofia Silva
- 357 Análise dos padrões de localização das grutas arqueológicas da Arrábida
João Varela / Nuno Bicho / Célia Gonçalves
- 365 Novos testemunhos de ocupação pré-histórica na área da ribeira de Santa Margarida (Alto Alentejo): notícia preliminar
Ana Cristina Ribeiro

2. Proto-História

- 377 Dinâmicas de Povoamento durante a Idade do Bronze no Centro da Estremadura Portuguesa: O Litoral Atlântico Entre as Serras d'Aires e Candeeiros e de Montejunto
Pedro A. Caria
- 389 Novos dados sobre os povoados do Bronze Final dos Castelos (Beja) e Laço (Serpa) no âmbito do Projeto Odyssey. Contributos a partir de um levantamento drone-LiDAR
Miguel Serra / João Fonte / Tiago do Pereiro / Rita Dias / João Hipólito / António Neves / Luís Gonçalves Seco
- 401 Metais do Bronze Final no Ocidente Ibérico. O caso dos machados de alvado a sul do rio Tejo
Marta Gomes / Carlo Bottaini / Miguel Serra / Raquel Vilaça
- 411 Dois Sítios, um ponto de situação. Primeiros resultados dos trabalhos nos Castros de Ul e Recarei em 2022
João Tiago Tavares / Adriaan de Man

- 425 Reflexões acerca dos aspetos técnicos e tecnológicos dos artefactos de ferro do Bronze Final / Ferro Inicial no território português
Pedro Baptista / Ralph Araque Gonzalez / Bastian Asmus / Alexander Richter
- 439 Resumo de resultados do projeto IberianTin (2018-22) e resultados iniciais do projeto Gold. PT (2023-)
Elin Figueiredo / João Fonte / Emmanuelle Meunier / Sofia Serrano / Alexandra Rodrigues
- 451 À volta da Pedra Formosa. Estudo do Balneário Este da Citânia de Briteiros
Gonçalo Cruz
- 463 Intercâmbio no primeiro milénio A.C., no litoral, entre os estuários dos rios Cávado e Ave
Nuno Oliveira
- 481 Castro de Guifões: elementos para a reconstituição paleogeográfica e compreensão da ocupação antiga do sítio
Andreia Arezes / Miguel Almeida / Alberto Gomes / José Varela / Nuno Ramos / André Ferreira / Manuel Sá
- 493 O Castro da Madalena (Vila Nova de Gaia) no quadro da ocupação proto-histórica da margem esquerda do Douro
Edite Martins de Sá / António Manuel S.P. Silva
- 507 Uma cabana com vista para o rio, no Sabugal da Idade do Ferro
Inês Soares / Paulo Pernadas / Marcos Osório
- 519 Cerca do Castelo de Chão do Trigo (S. Pedro do Esteval, Proença-a-Nova): resultados de três campanhas de escavações (2017-2019)
Paulo Félix
- 533 Instrumentos e artes de pesca no sítio proto-histórico de Santa Olaia (Figueira da Foz)
Sara Almeida / Raquel Vilaça / Isabel Pereira
- 549 Sobre a influência da cerâmica grega nas produções de cerâmica cinzenta do estuário do Tejo: um vaso emblemático encontrado nas escavações arqueológicas do Largo de Santa Cruz (Lisboa)
Elisa de Sousa / Sandra Guerra / João Pimenta / Roshan Paladugu
- 563 *To buy fine things*: trabalhos e perspectivas recentes sobre o consumo de importações mediterrâneas no Sul de Portugal durante o I milénio a.n.e.
Francisco B. Gomes
- 575 Arquiteturas orientais em terra na fronteira atlântica: novas abordagens do Projecto #BuildinginNewLands
Marta Lorenzon / Benjamín Cutillas-Victoria / Elisa Sousa / Ana Olaio / Sara Almeida / Sandra Guerra
- 585 Frutos, cultivos e madeira no Castro de Alvarelhos: a arqueobotânica do projeto CAESAR
Catarina Sousa / Filipe Vaz / Daniela Ferreira / Rui Morais / Rui Centeno / João Tereso

3. Antiguidade Clássica e Tardia

- 599 A propósito de machados polidos encontrados em sítios romanos do território português e a crença antiga nas “pedras de raio”
Fernando Coimbra
- 611 Unidades Organizativas e Povoamento no Extremo Ocidental da *Civitas* Norte-Lusitana dos *interannienses*: um ensaio
Armando Redentor / Alexandre Canha
- 625 As Termas Romanas da Quinta do Ervedal (Castelo Novo, Fundão)
Joana Bizarro
- 633 Paisagem rural, paisagem local: os primeiros resultados arqueológicos e arqueobotânicos do sítio da Terra Grande (*civitas Igaeditanorum*)
Sofia Lacerda / Filipe Vaz / Cláudia Oliveira / Luís Seabra / João Tereso / Ricardo Costeira da Silva / Pedro C. Carvalho

- 649 Recontextualização dos vestígios arqueológicos do *forum* de Coimbra. Uma leitura a partir da comparação tipo-morfológica
Pedro Vasco de Melo Martins
- 665 Sítio do Antigo (Torre de Vilela, Coimbra): uma possível *villa* suburbana de *Aeminiium*
Rúben Mendes / Raquel Santos / Carmen Pereira / Ricardo Costeira da Silva
- 679 A fachada norte da Casa dos Repuxos (Conímbriga): resultados das campanhas de 2021 e 2022
Ricardo Costeira da Silva / José Ruivo / Vítor Dias
- 693 Intervenções Arqueológicas em Condeixa-a-Velha no âmbito das ações do Movimento para a Promoção da Candidatura de Conímbriga a Património Mundial da Unesco
Pedro Peça / Miguel Pessoa / Pedro Sales / João Duarte / José Carvalho / Fernando Figueiredo / Flávio Simões
- 707 O sítio arqueológico de São Simão, Penela
Sónia Vicente / Flávio Simões / Ana Luísa Mendes
- 723 O sítio arqueológico da Telhada (Vermoil, Pombal)
Patrícia Brum / Mariana Nabais / Margarida Figueiredo / João Pedro Bernardes
- 731 *Górgona* – um *corpus* de *opus sectile* na Lusitânia
Carolina Grilo / Lídia Fernandes / Patrícia Brum
- 741 *Villa* romana da Herdade das Argamassas. Delta, motivo de inspiração secular. Do mosaico ao café
Vítor Dias / Joaquim Carvalho / Cornelius Meyer
- 755 A Antiguidade Tardia no Vale do Douro: o exemplo de Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó)
Tony Silvino / Pedro Pereira / Rodolphe Nicot / Laudine Robin / Yannick Teyssonneyre
- 771 A Arqueologia Urbana em Braga: oportunidades e desafios. O caso de estudo da rua Nossa Senhora do Leite, n^{os} 8/10
Fernanda Magalhães / Luís Silva / Letícia Ruela / Diego Machado / Lara Fernandes / Eduardo Alves / Manuela Martins / Maria do Carmo Ribeiro
- 785 Balneário romano de São Vicente (Penafiel): projeto de revisão das estruturas construídas e do contexto histórico-arqueológico do sítio
Silvia González Soutelo / Teresa Soeiro / Juan Diego Carmona Barrero / Jorge Sampaio / Helena Bernardo / Claus Seara Erwelein
- 801 Um contexto cerâmico tardo-antigo da Casa do Infante (Porto)
João Luís Veloso / Paulo Dordio Gomes / Ricardo Teixeira / António Manuel S. P. Silva
- 815 Trabalhos arqueológicos no Patarinho (Santa Comba Dão, Viseu): caracterização de uma pequena área de produção vinícola no vale do Dão em época alto-imperial
Pedro Matos / João Losada
- 831 Sobre a ocupação tardia da *villa* da Quinta da Bolacha – estudo de um contexto de ocupação da casa romana
Vanessa Dias / Gisela Encarnação / João Tereso
- 843 Os materiais do sítio romano de Eira Velha (Miranda do Corvo) como índice cronológico das suas fases de construção
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Rui Ramos / Inês Simão
- 859 Cerâmica de importação em *Talabriga* (Cabeço do Vouga, Águeda)
Diana Marques / Ricardo Costeira da Silva
- 873 Revisão dos objetos ponderais recuperados na antiga *Conimbriga* (Condeixa-a-Nova, Coimbra)
Diego Barrios Rodríguez / Cruces Blázquez Cerrato
- 885 O conjunto de pesos de tear do sítio romano de Almoínhas
Martim Lopes / Paulo Calaveiras / José Carlos Quaresma / Joel Santos

- 901 *A terra sigillata* e a cerâmica de cozinha africana na cidade de Lisboa no quadro do comércio do ocidente peninsular – O caso do edifício da antiga Sede do Banco de Portugal
Ana Beatriz Santos
- 915 Análise (im)possível dos espólios arqueológicos do sítio do Mascarro (Castelo de Vide, Portugal)
Sílvia Monteiro Ricardo
- 931 Reconstruindo a paisagem urbana de Braga desde a sua fundação até à cidade medieval: as ruas como objeto de estudo
Leticia Ruela / Fernanda Magalhães / Maria do Carmo Ribeiro
- 941 A dinâmica viária no vale do Rabagão: a via XVII e o contributo dos itinerários secundários
Bruno Dias / Rebeca Blanco-Rotea / Fernanda Magalhães
- 953 Resultados das leituras geofísicas de Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira
João Pimenta / Tiago do Pereiro / Henrique Mendes / André Ferreira
- 965 *Loca sacra*: Para uma topografia dos lugares simbólicos no atual Alentejo em época romana
António Diniz
- 977 Mosaicos da área de influência de *Pax Ivlia*
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 993 A exploração de pedras ornamentais na Lusitânia: Primeiros dados de um estudo em curso
Gil Vilarinho

4. Época Medieval

- 1009 A necrópole da Alta Idade Média do Castro de São Domingos (Lousada, Portugal)
Paulo André Pinho Lemos / Manuel Nunes / Bruno M. Magalhães
- 1025 A transformação e apropriação do espaço pelos edifícios rurais, entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média, no troço médio do vale do Guadiana (Alentejo, Portugal)
João António Ferreira Marques
- 1037 A reconfiguração do espaço rural na Alta Idade Média. Análise dos marcadores arqueológicos no Alto Alentejo
Rute Cabriz / Sara Prata
- 1047 O Castelo de Vale de Trigo (Alcácer do Sal): dados das intervenções arqueológicas
Marta Isabel Caetano Leitão
- 1061 Convento de Nossa Senhora do Carmo de Moura, um conjunto de silos medievais islâmicos: dados preliminares de uma das sondagens arqueológicas de diagnóstico
Vanessa Gaspar / Rute Silva
- 1075 Potes meleiros islâmicos – Contributo para o estudo da importância do mel na Idade Média
Rosa Varela Gomes
- 1085 Luxos e superstições – registos de espólio funerário e outras materialidades nas necrópoles islâmicas no Gharb al-Andalus
Raquel Gonzaga
- 1097 A Necrópole Islâmica do Ribat do Alto da Vigia, Sintra
Alexandre Gonçalves / Helena Catarino / Vânia Janeirinho / Filipa Neto / Ricardo Godinho
- 1115 O inédito pavimento Cisterciense da cidade de Évora
Ricardo D'Almeida Alves de Morais Sarmento
- 1129 Do solo para a parede: a intervenção arqueológica no Pátio do Castilho n.º 37-39 e a(s) Torre(s) de Almedina da muralha(s) de Coimbra
Susana Temudo

- 1145 Utensílios cerâmicos de uma cozinha medieval islâmica no espaço periurbano de al-Ushbuna (1ª metade do séc. XII)
Jorge Branco / Rodrigo Banha da Silva
- 1159 O convento de S. Francisco de Real na definição da paisagem monástico-conventual de Braga, entre a Idade Média e a Idade Moderna
Francisco Andrade
- 1169 “Ante o cruzeiro jaz o mestre”: resultados preliminares da escavação do panteão da Ordem de Santiago (séculos XIII – XVI) localizado no Santuário do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal)
Ana Rita Balona / Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain
- 1181 Produções cerâmicas da Braga medieval: cultura e agência material
Diego Machado / Manuela Martins
- 1197 Agricultura e paisagem em Santarém entre a Antiguidade Tardia e o Período Islâmico a partir das evidências arqueobotânicas
Filipe Vaz / Luís Seabra / João Tereso / Catarina Viegas / Ana Margarida Arruda

5. Época Moderna

- 1215 A necrópole medieval e moderna de Benavente: resultados de uma intervenção de Arqueologia Preventiva
Joana Zuzarte / Paulo Félix
- 1229 Rua da Judiaria – Castelo de Vide: Aspetos gerais da intervenção arqueológica na eventual Casa do Rabino
Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos / Susana Rodrigues Cosme
- 1239 A coleção de estanho de Esposende
Elisa Maria Gomes da Torre e Frias-Bulhosa
- 1253 *Três barris num campo de lama*: dados preliminares para o estudo da vitivinicultura na cidade de Aveiro no período moderno
Diana Cunha / Susana Temudo / Pedro Pereira
- 1269 Aveiro como centro produtor de cerâmica: os vestígios da oficina olárica identificada na Rua Capitão Sousa Pizarro
Vera Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado
- 1283 A Casa Cordovil: contributo para o conhecimento de Évora no Período Moderno
Leonor Rocha
- 1295 Reconstruir a Cidade: o pré e o pós-terramoto na Rua das Escolas Gerais, nº 61 (Lisboa)
Susana Henriques
- 1305 Lazareto, fortaleza e prisão: arqueologia do Presídio da Trafaria (Almada)
Fabián Cuesta-Gómez / Catarina Tente / Sérgio Rosa / André Teixeira / Francisca Alves Cardoso / Sílvia Casimiro
- 1319 Conhecer o quotidiano do Castelo de Palmela entre os séculos XV e XVIII através dos artefactos metálicos em liga de cobre
Luís F. Pereira
- 1331 Um forno de cerâmica do início da Época Moderna na Rua Edmond Bartissol, Setúbal
Victor Filipe / Eva Pires / Anabela Castro
- 1341 A necrópole da Igreja Velha do Peral (Proença-a-Nova)
Anabela Joaquineto / Francisco Henriques / Francisco Curate / Carla Ribeiro / Nuno Félix / Fernando Robles Henriques / João Caninas / Hugo Pires / Paula Bivar de Sousa / Carlos Neto de Carvalho / Isabel Gaspar / Pedro Fonseca
- 1357 A materialização da morte em Bucelas entre os séculos XV e XIX. Rituais, semiótica e simbologias
Tânia Casimiro / Dário Ramos Neves / Inês Costa / Florbela Estevão / Nathalie Antunes-Ferreira / Vanessa Filipe

- 1369 Ficam os ossos e ficam os anéis: objetos de adorno e de crença religiosa da necrópole do Convento dos Lóios, Lisboa
João Miguez / Marina Lourenço
- 1379 “Não ha sepultura onde se não tenham enterrado mais de dez cadáveres”: as valas comuns de época moderna da necrópole do Hospital dos Soldados (Castelo de São Jorge, Lisboa), uma prática funerária de recurso
Carina Leirião / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Susana Henriques / Sofia N. Wasterlain
- 1391 Estudo tafonómico de uma coleção osteológica proveniente da Igreja da Misericórdia em Almada
Maria João Rosa / Francisco Curate
- 1403 Variabilidade formal e produtiva da cerâmica moderna na cidade de Braga: estudo de caso
Lara Fernandes / Manuela Martins / Maria do Carmo Franco Ribeiro
- 1415 Representações femininas na faiança portuguesa de Santa Clara-a-Velha: desigualdade, subalternização, emancipação
Inês Almendra Castro / Tânia Manuel Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1427 Poder, família, representação: a heráldica na faiança de Santa Clara-a-Velha
Danilo Cruz / Tânia Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1437 A Chacota de Faiança a uso e o significado social do seu consumo em Lisboa, nos meados-finais do século XVII: a amostragem do Hospital dos Pescadores e Mareantes de Alfama
André Bargão / Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva
- 1445 Algumas considerações sobre os artefactos em ligas metálicas descobertos no Palácio Sant’Anna em Carnide, Lisboa
Carlos Boavida / Mário Monteiro
- 1461 Os cachimbos cerâmicos dos séculos XVII e XVIII do Palácio Almada-Carvalhais (Lisboa)
Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva / Tiago Nunes
- 1469 Tróia fumegante. Os cachimbos cerâmicos modernos do sítio arqueológico de Tróia
Miguel Martins de Sousa / Tânia Manuel Casimiro / Filipa Araújo dos Santos / Mariana Nabais / Inês Vaz Pinto
- 1483 Um copo para muitas garrafas. Algumas palavras sobre um conjunto de vidros modernos e contemporâneos encontrados na Praia da Alburrica (Barreiro)
Carlos Boavida / António González
- 1495 *A Gran Principessa di Toscana*, um naufrágio do século XVII no Cabo Raso (Cascais)
Sofia Simões Pereira / Francisco Mendes / Marco Freitas
- 1503 Condições ambientais e contexto arqueológico na margem estuarina de Lisboa: dados preliminares da sondagem ESSENTIA (Av. 24 de Julho | Rua Dom Luís I)
Margarida Silva / Ana Maria Costa / Maria da Conceição Freitas / José Bettencourt / Inês Mendes da Silva / Tiago Nunes / Mónica Ponce / Jacinta Bugalhão
- 1517 Evolução ambiental do estuário do Rio Cacheu, Guiné-Bissau: dados preliminares
Rute Arvela, Ana Maria Costa, Maria da Conceição Freitas, Rui Gomes Coelho
- 1525 Extrair informação cultural de madeiras náuticas: uma experiência em Lisboa
Francisco Mendes / José Bettencourt / Marco Freitas / Sofia Simões Pereira
- 1535 Ferramentas, carpinteiros e calafates a bordo da fragata *Santo António de Taná* (Mombaça, 1697)
Patrícia Carvalho / José Bettencourt
- 1547 Parede 1, Carcavelos 12 e Carcavelos 13: três naufrágios da Guerra Peninsular?
José Bettencourt / Augusto Salgado / António Fialho / Jorge Freire
- 1555 Estudo zooarqueológico e tafonómico de um silo de época moderno-contemporânea da Casa Cordovil, Évora
Catarina Guinot / Nelson J. Almeida / Leonor Rocha

- 1569 Uma aproximação à Arqueologia de Paisagem: a paisagem fluvial e as dimensões da sua exploração, comunicação e ocupação
Patricia Alho / Vanda Luciano
- 1575 Dos Arquivos ao Trabalho de Campo: o Estudo da Fortaleza de Santa Catarina de Ribamar (Portimão)
Bruna Ramalho Galamba
- 1583 Palácio Vaz de Carvalho, a diacronia de um sítio: da Pré-História à Contemporaneidade
Anabela Sá / Inês Mendes da Silva
- 1595 *Um olhar sobre o passado*: apresentação dos resultados de uma intervenção arqueológica na Figueira da Foz
Bruno Freitas / Sérgio Gonçalves / André Donas-Botto
- 1607 Todos os metros contam, 200 mil anos num quarteirão? O caso das Olarias de Leiria
Ana Rita Ferreira / André Donas-Botto / Cláudia Santos / Luís Costa

6. Época Contemporânea

- 1625 Navios de ferro: contributos para uma abordagem arqueológica aos naufrágios de Idade Contemporânea em Portugal
Marco Freitas / Francisco Mendes / Sofia Simões Pereira
- 1637 *Das peles e dos rebites*: o processo de inventariação arqueológica da Central do Biel e da Fábrica de Curtumes do Granjo (Vila Real)
Pedro Pereira / Fernando Silva
- 1649 Seminário Maior de Coimbra: o contributo da arqueologia num espaço em reabilitação
Constança dos Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado / Gina Dias
- 1663 Paradigmas de Preservação e Valorização do Património Monumental nas Linhas de Torres Vedras. Abordagem às intervenções realizadas no Forte da Archeira (Torres Vedras), no Forte 1.º de Suberra e na Bateria Nova de Suberra (Vila Franca de Xira)
João André Perpétuo / Miguel Martins de Sousa / João Ramos
- 1677 Pavimentos em mós na arquitetura saloia: novos dados na Amadora
Nuno Dias / Catarina Bolila / Vanessa Dias / Gisela Encarnação
- 1685 O Tejo e a industrialização: como Lisboa “invadiu” o rio no século XIX
Inês Mendes da Silva
- 1695 As Alcaçarias do Duque. A redescoberta dos últimos banhos públicos de Alfama
Filipe Santos
- 1709 Memorial da Serralharia – Arqueologia do Passado Recente no Hospital de São José
João Sequeira / Carlos Boavida / Afonso Leão
- 1723 *kana, fornadja y kumunidade*: Um caso de estudo da produção e transformação da cana sacarina na Ribeira dos Engenheiros (Ilha de Santiago)
Nireide Pereira Tavares
- 1735 Personagens Escondidas: À procura das emoções esquecidas das mulheres na indústria portuguesa. Uma análise arqueológica através de novas materialidades
Susana Pacheco / Joel Santos / Tânia Manuel Casimiro
- 1747 Sós mas não Esquecidos. Por uma Arqueologia da Solidão
Joel Santos / Susana Pacheco

7. Arte Rupestre

- 1761 O projeto First-Art (*Extension*): determinação cronológica e caracterização dos pigmentos nas fases iniciais da Arte Rupestre Paleolítica
Sara Garcês / Hipólito Collado / Hugo Gomes / Virginia Lattao / George Nash / Hugo Mira Perales / Diego Fernández Sánchez / José Julio Garcia Arranz / Pierluigi Rosina / Luiz Oosterbeek

- 1771 Mais perto da conclusão: novo ponto da situação da prospecção e inventário da arte rupestre do Côa
Mário Reis
- 1787 Propostas metodológicas para a conservação dos sítios com Pinturas Rupestres da Pré-História recente no Vale do Côa
Vera Moreira Caetano / Fernando Carrera / Lara Bacelar Alves / António Batarde Fernandes / Teresa Rivas / José Santiago Pozo-Antonio
- 1801 Alguma cor num fundo de gravura: principais conjuntos da pintura pré-histórica do Vale do Côa
Lara Bacelar Alves / Andrea Martins / Mário Reis
- 1815 Desde a crista, olhando para o Tejo – os abrigos com pintura esquemática do Pego da Rainha (Mação, Portugal)
Andrea Martins
- 1841 Gravuras rupestres da rocha 2 da Lomba do Carvalho (Almaceda, Castelo Branco).
Informação empírica e hipóteses interpretativas
Mário Varela Gomes
- 1859 Um novo olhar sobre as gravuras de labirintos: o caso do Castelinho (Torre de Moncorvo, Portugal)
Andreia Silva / Sofia Figueiredo-Persson / Elin Figueiredo
- 1875 Os seixos incisos da Idade do Ferro de São Cornélio (Sabugal, Alto Côa)
Luís Luís / Marcos Osório / André Tomás Santos / Anna Lúcia Vitale / Raquel Vilaça
- 1891 Entre topónimos e lendas. Explicações das sociedades rurais para o fenómeno podomórfico do nordeste de Trás-os-Montes
José Moreira
- 1905 Os grafitos molinológicos ou a realidade (in)visível das moagens hidráulicas tradicionais: resultados da aplicação de um inédito roteiro metodológico (Lousada, Norte de Portugal)
Manuel Nunes / Paulo André P. Lemos

8. Arqueologia Pública, Comunicação e Didática

- 1923 Património Mundial e Valor Social: Uma Investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco
- 1931 Parque Arqueosocial do Andakatu em Mação. Boas práticas para a sustentabilidade e disseminação do conhecimento científico
Hugo Gomes / Sara Garcês / Luiz Oosterbeek / Pedro Cura / Anabela Borralheiro / Rodrigo Santos / Sandra Alexandre
- 1943 Vila Nova de São Pedro e a Arqueologia Pública – a consolidação de um projecto através dos agentes da sua história
José M. Arnaud / Andrea Martins / César Neves / Mariana Diniz
- 1963 O Monumento Pré-histórico da Praia das Maças (Sintra): atividades de divulgação e educação patrimonial realizadas no âmbito das recentes escavações arqueológicas
Eduardo Porfírio / Catarina Costeira / Teresa Simões
- 1979 A Idade do Bronze como ferramenta de Educação e Divulgação em Arqueologia – O Projeto Outeiro do Circo 2022-2023
Sofia Silva / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1993 Arqueologia Pública: a Festa da Arqueologia como caso de estudo
Carla Quirino / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 2013 Open House Arqueologia – a aproximação da disciplina científica aos cidadãos
Lídia Fernandes / Carolina Grilo / Patrícia Brum
- 2025 “Cada cavadela sua minhoca”: Arqueologia Pública e Comunicação através do caso de estudo do Largo do Coreto e envolvente em Carnide (Lisboa)
Ana Caessa / Nuno Mota

- 2037 Grupo CIGA: comunicar e divulgar a cerâmica islâmica
Isabel Inácio / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Sofia Gomes / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Marco Liberato / Gonçalo Lopes / Constança Santos / Jacinta Bugalhão / Helena Catarino / Sandra Cavaco
- 2047 O Forte de São João Batista da Praia Formosa: a recuperação virtual e a reconstrução da memória
Diogo Teixeira Dias / Sérgio Gonçalves
- 2059 Entre a Universidade e a profissão: A experiência de um Estágio Curricular narrada na primeira pessoa
Mariana Santos
- 2069 A Arqueologia e os seus Públicos: relação dos Arqueólogos com os outros Cidadãos no âmbito da Contemporaneidade
Florabela Estêvão / Vítor Oliveira Jorge
- 2079 Arqueologia e Comunicação na era da Big Data: do sítio arqueológico ao registo de monumentos e paisagens. Será este um dia FAIR?
Ariele Câmara / Ana de Almeida / João Oliveira / Daniel Marçal
- 2091 Exposição de Arte-Arqueologia: Artefactos do Descarte
Pedro da Silva / Inês Moreira

9. Historiografia e Teoria

- 2103 Pré-História e “Antropologia Cultural”: repensar esta interface
Vítor Oliveira Jorge
- 2115 “Onde está o Wally?” Representações de mulheres nos museus de Pré-História
Sara Brito
- 2125 “Criei o hábito de geralmente ignorar”: sexismo, assédio e abuso sexual em Arqueologia
Liliana Matias de Carvalho / Sara Simões / Sara Brito / Jacinta Bugalhão / Miguel Rocha / Mauro Correia / Regis Barbosa / Raquel Gonzaga
- 2137 O ensino da Arqueologia em Portugal
Jacinta Bugalhão
- 2149 O Grupo Pró-Évora e o curso de arqueologia de 1968: uma primeira aproximação ao tema
Ana Cristina Martins
- 2161 Andanças na Arqueologia Urbana da Cidade de Coimbra: Um Historial de Duas Décadas do Processo Metro Mondego
António Batarda Fernandes
- 2177 Peixes de Água Doce e Migradores de Portugal: Sistematização da Informação Zooarqueológica
Miguel Rodrigues / Filipe Ribeiro / Sónia Gabriel
- 2191 Extração de Conhecimento em Arqueologia: primeiros resultados da aplicação a dados portugueses
Ivo Santos
- 2199 A Igreja do Carmo de Lisboa: um exemplo de arqueologia vertical com 600 anos
Célia Nunes Pereira

10. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 2215 A simplificação legislativa e os desafios à atividade arqueológica
Gertrudes Branco
- 2223 IPA / IGESPAR, IP / DGPC – Extensão de Torres Novas: 25 anos
Sandra Lourenço / Gertrudes Zambujo / Cláudia Manso
- 2239 O futuro do Património Arqueológico Subaquático: Uma perspetiva através do ensino
Adolfo Silveira Martins / Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Miguel Martins

- 2245 **Recomendações de Boas-Práticas em Arqueologia de Ambientes Húmidos**
Ana Maria Costa / Cândida Simplício / Cristóvão Fonseca / Jacinta Bugalhão / João Pedro Tereso / José Bettencourt / José António Gonçalves / Miguel Lago / Pedro Barros / Rodrigo Banha da Silva
- 2261 **A inventariação e georreferenciação do Património Cultural Marítimo no *Endovélico***
Pedro Barros / Jacinta Bugalhão / Gonçalo C. Lopes / Cristóvão Fonseca / Pedro Caleja / Filipa Bragança / Sofia Pereira / Ana Sofia Gomes
- 2273 **A piroga monóxila Lima 7 e os desafios que o rio nos apresenta**
José António Gonçalves / João Marrocano
- 2291 **A paisagem marítima do litoral do Minho. Uma primeira aproximação à paisagem económica de Viana do Castelo**
Tiago Silva
- 2301 **O projeto TURARQ – Turismo Arqueológico para a compreensão da cultura e das interações ambientais**
Hugo Gomes / Sara Garcês / Marco Martins / Anícia Trindade / Douglas O. Cardoso / Eduardo Ferraz / Luiz Oosterbeek
- 2307 **Tecnologias de Detecção Remota aplicadas ao Descritor do Património: da prática à reflexão**
Gabriel Pereira / Nuno Barraca / Mauro Correia / Gustavo Santos
- 2321 **Procedimentos a adotar na manipulação de materiais arqueológicos para análises de resíduos orgânicos: as práticas instituídas e os equívocos**
César Oliveira
- 2331 **Arqueologia da Arquitetura aplicada ao estudo dos espaços construídos: uma metodologia de análise**
Eduardo Alves / Rebeca Blanco-Rotea
- 2343 **Almada Velha: um projeto municipal de gestão arqueológica**
André Teixeira / Sérgio Rosa / Telmo António / Rodrigo Banha da Silva / João Gonçalves Araújo / Eva Pires / Beatriz Calapez Santos / Fátima Alves / Francisco Curate / Leonor Medeiros / Joana Esteves / Alexandra P. Rodrigues / André Bargão / Joana Mota
- 2357 **Um projeto de Arqueologia atlântica: a ERA na Madeira**
Arlette Figueira / Miguel Lago
- 2365 **Abordagens Interdisciplinares para o Estudo Histórico e Arqueológico do Património Têxtil: Experiências e Perspetivas da Ação COST EuroWeb**
Catarina Costeira / Francisco B. Gomes / Paula Nabais / Alina Iancu
- 2381 **Umhas termas debaixo dos vossos pés: o Projeto de Estudo e Valorização do Criptopórtico Romano de Lisboa (CRLx)**
Nuno Mota / Ana Caessa
- 2393 **Arqueologia Urbana no Município de Coimbra**
Sérgio Madeira / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Raquel Santo
- 2407 **A Cidade como ponto de (Re)encontro com o seu território**
Raquel Santos / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Sérgio Madeira
- 2419 **Os antigos sistemas de gestão de água de Coimbra: características formais e estado da arte**
Paulo Morgado / Sónia Filipe
- 2433 **Ecologias da liberdade: materialidades da escravidão e pós-emancipação no mundo atlântico. Um projeto em curso em Portugal e na Guiné-Bissau**
Rui Gomes Coelho / Ana Maria Costa / João Tereso / Maria da Conceição Lopes / Maria da Conceição Freitas / Patrícia Mendes / Rute Arvela / Sandra Gomes / Sara Simões / Sónia Gabriel
- 2441 **Centro Interpretativo do Urbanismo e da História do Crato – Resultados da intervenção arqueológica**
Susana Rodrigues Cosme / Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos

INTERCÂMBIO NO PRIMEIRO MILÉNIO A.C., NO LITORAL, ENTRE OS ESTUÁRIOS DOS RIOS CÁVADO E AVE

Nuno Oliveira¹

RESUMO

Neste artigo aborda-se a temática dos contactos suprarregionais existentes entre as populações da faixa costeira entre o Cávado e Ave, através da diversidade dos materiais exógenos, e de como esses contatos podem ter-se constituído como mais um fator para explicar as estratégias de povoamento em determinados períodos ou casos. Para o desenvolvimento deste artigo foram estudadas coleções de materiais de vários povoados considerados nessa área, como a intervisibilidade entre povoados, genericamente contemporâneos e chegou-se à conclusão que há estratégias de povoamento, em rede, nos diferentes estuários que possibilitaram o controlo das rotas marítimas e uma maior facilidade na receção de materiais e ideias exógenas. A transmissão de *itens* e costumes para o interior, ter-se-á dado através do intercâmbio local.

Palavras-Chave: Noroeste de Portugal; Faixa costeira; Proto-história; Trocas; Padrões de consumo; Povoamento.

ABSTRACT

This article addresses the issue of existing supra-regional contacts between the populations of the coastline between Cávado and Ave, through the diversity of exogenous materials, and how these contacts may have constituted one more factor to explain the settlement strategies in certain periods or cases.

For the development of this article, collections of materials from various settlements considered in this area were studied, such as the intervisibility between settlements, generically contemporary, and it was concluded that there are settlement strategies, in a network, in the different estuaries that made it possible to control the maritime routes and greater ease in receiving exogenous materials and ideas.

The transmission of items and customs to the interior took place through local exchange.

Keywords: Northwest of Portugal; Coastline; Protohistory; Exchanges; Consumption patterns.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo apresentar uma reflexão sobre os contactos suprarregionais, através dos artefactos importados existentes nos povoados estuarinos e costeiros, na área geográfica compreendida entre os estuários dos rios Cávado e o Ave. Além disso, tentámos compreender de que forma a circulação de materiais exógenos alterou a produção dos materiais endógenos, seja em argila seja em outras matérias-primas (como o ouro, por exemplo).

Procurámos, também, abranger as diversas fases cronológicas em que esses contactos se deram e

quais os protagonistas que vincularam as novidades materiais e de pensamento neste espaço do noroeste, e a relação destes com a restante área e comunidades humanas instaladas entre o Cávado e o Ave.

A partir dos dados exógenos aliados ao restante conjunto artefactual e à implantação de cada povoado, tentámos compreender e traçar a influência das navegações externas no quadro do povoamento desta região. Ou seja, o estudo de cada fase cronológica dos povoados em causa serviu, também, para a compreensão do papel que determinados povoados litorais ou estuarinos desempenharam no âmbito do intercâmbio suprarregional e para traçar alguns ce-

1. Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Lab2pt / ntco_arque@sapo.pt

nários de como se organizaram, em termos de redes de povoamento, para o controlo do território local. O estudo aqui apresentado insere-se no trabalho mais alargado desenvolvido nos últimos cinco anos no quadro de um projeto de doutoramento².

2. METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho teve-se em conta, sobretudo, os novos dados materiais (cerâmicos, metálicos e líticos) coligidos no decorrer do projeto de investigação já referido.

Para este estudo a metodologia passou pelo estudo de coleções de materiais em contexto estratigráfico e de materiais cerâmicos metálicos sem contexto. Os materiais estudados encontram-se dispersos, tanto em museus de caráter local e regional, como em reservas dos Gabinetes de Arqueologia autárquicos. Foram, ainda, tidos em consideração os sítios com material importado já conhecidos pela bibliografia (Silva 1986; Silva e Pinto, 2001; Arruda, 1999-2000; González-Ruibal, 2006-2007; Pereira, 2011; Morais *et al.*, 2017; Sousa, 2019; Pereira 2019; Gomes, 2012; Ferreira, 2019; 2019a), além de vários depósitos e achados metálicos em bronze e ouro.

Fizeram-se, igualmente, análises de intervisibilidade entre povoados, genericamente contemporâneos. Os materiais importados registados são de tipologia e origem variada, consoante os diferentes períodos cronológico-culturais em estudo.

A tipologia deu-nos informações sobre os padrões de consumo, em cada período cronológico-cultural, desde o Bronze Final até ao fim da Idade do Ferro.

Seguimos o quadro cronológico estipulado por Manuela Martins (1990: 110-113) para os finais do segundo e primeiro milénios a.C.: Idade do Bronze Final, datável entre o séc. IX a.C. e VII a.C.; Idade do Ferro Antigo, datável entre o séc. VI a.C. e II a.C. e Ferro Recente, datável entre o séc. I a.C. e meados do séc. I d.C.

3. ÁREA DE ESTUDO

A área de estudo deste trabalho é a zona costeira e estuarina entre dois cursos fluviais: o Cávado e o

Ave (Fig. 1). No entanto, avançamos um pouco para sul da bacia do Ave, para incluirmos o povoado de S. Paio (Labruge, Vila do Conde).

A foz do rio Cávado reveste-se de grande complexidade tectónico-geológica que não corresponderá à sua configuração atual, sendo provável que o rio desembocasse para oeste, ou seja, mais para sul do que atualmente. De salientar a existência da lagoa da Apúlia, o único ponto do noroeste do litoral português, onde ainda se encontra um ambiente lagunar costeiro ativo que fazia parte de um sistema lagunar holocénico que existiu a norte e a sul deste rio e que esteve presente, de forma muito evidente, até à época romana (Granja, *et al.* 2009).

A norte do Cávado, a plataforma litoral é delimitada pela arriba fóssil, com 236 m de altitude máxima, onde se implanta o povoado proto-histórico de S. Lourenço, e a sul pela serra de Franqueira, com uma altitude de 296 metros, onde se integra o povoado proto-histórico de Faria, instalado num remate de esporão a 258 metros.

Entre a foz do rio Cávado e a foz do rio Ave, a sul da serra da Franqueira, uma das orografias mais impressionantes e que delimita, a este, a plataforma costeira é a serra de Rates, onde se destaca o Monte de S. Félix (a 202 metros), onde existiu um povoado proto-histórico. Há, ainda, na plataforma litoral algumas colinas e outeiros de baixa altitude que correspondem a relevos residuais. Destas, destacamos a colina de S. Salvador (a 153 metros), onde se implantou o povoado proto-histórico de Terroso e, no curso final do rio Ave, na margem direita, um pequeno outeiro (com 29 metros), onde se localiza o povoado proto-histórico de S. João.

A plataforma litoral entre o Ave e a foz do Onda é, igualmente, arenosa e baixa, apenas com algumas colinas e outeiros. De destacar o pequeno outeiro de S. Paio, entre as praias de S. Paio (a norte) e a praia de Labruge (a sul) local onde se estabeleceu o povoado proto-histórico de S. Paio.

4. OS POVOADOS NA LONGA DIACRONIA: MATERIAIS LOCAIS E IMPORTADOS COMO MARCADORES TEMPORAIS

Os povoados da faixa costeira e dos estuários do Cávado e Ave são 13, sendo muito desigual a informação que deles possuímos (Fig. 1). Se alguns se encontravam praticamente inéditos, estando apenas inventariados ou tendo relatórios de escavação

2. Projeto de Doutoramento - SFRH/BD/138105/2018, intitulado "A Idade do Ferro do litoral dos rios e Cávado. Materialidades, intercâmbio e traços de identidade". Ver Agradecimentos.

não publicados, exigindo da nossa parte estudo dos materiais (Laúndos, em Póvoa de Varzim (Silva, 1896; Gomes, 1996), S. João³ (Pinheiro, 2020) e S. Paio, ambos em Vila do Conde (Almeida e Pinto, 1994, 1996, 1996a), outros foram alvo de publicações, mais ou menos desenvolvidas, que possibilitaram a sua interpretação ou reinterpretção (S. Lourenço (Almeida e Almeida, 2015) e Senhor dos Desamparados, ambos no concelho de Esposende, Alto da Torre (Bettencourt, 1999, 2000) e Faria (Almeida, 1996, 1997; Bettencourt, 1999, 2000)⁴, em Barcelos, Terroso (Silva, 1986; Gomes, 1996; Gomes e Carneiro, 2005) e Bagunte (Almeida e Almeida, 2015; Almeida, *et al.* 2020), em Vila do Conde.

Na margem norte do Cávado (Fig. 1), encontramos o povoado de S. Lourenço, que se encontra numa posição privilegiada de controlo visual da plataforma litoral e do que seria a foz do rio. Foi alvo de escavações arqueológicas (Almeida, 1996; Marques, 2012; Almeida e Almeida, 2015) com resultados relevantes no que diz respeito à cronologia da sua ocupação. Terá tido ocupações calcolíticas uma vez que foram encontrados fragmentos cerâmicos com decoração incisa metopada de tipo Penha (Almeida, 1996, vol. IV: 46-122), do Bronze Final (Bettencourt, 1999: 1014-1015), do Ferro Antigo, com uma datação de radiocarbono, datável, a 2 sigma, de entre 798 a.C. e 484 a.C. (Almeida, 1996). Destacamos deste período, o achado de cerâmica ática (tipo kráter-de-sino do tipo 2), da primeira metade do séc. IV a.C. (Ferreira, 2019: 256-257) e uma conta de pasta vítrea, oculada (Gomes, 2012).

S. Lourenço foi também ocupado no Ferro Recente e durante a romanização (Almeida e Almeida, 2015). Destes períodos, cabe-nos destacar exemplares de ânforas tardo-púnicas de tipos Mañá Pascual A4 e C2b e uma quantidade importante de ânforas de tipo Haltern 70 (285 exemplares), além de múltiplos tipos registados de fabrico gálico, itálico, bético, tarraconense e oriental (Ródia) (Silva, 2005-2006).

A pouco mais de 2 km para sudoeste de S. Lourenço, encontra-se o povoado do Senhor dos De-

samparados, numa colina do estuário do Cávado. Foi, inicialmente, classificado por Almeida (1996) como sendo um “castro agrícola”. Do seu topo regista-se uma ampla visibilidade para a foz do rio. É de pequenas dimensões, possuindo, todavia, um sistema defensivo composto por duas muralhas, reforçadas a norte e a poente por um fosso, seguido de um talude, em terra (Marques, 2012).

Este sítio foi escavado sob a direção de Carlos A. Brochado de Almeida, entre 1996 e 1999, e sob a direção de Ana Almeida, entre 2001 e 2007. Aí foram registadas várias estruturas circulares da Idade do Ferro (Marques, 2012, 1: 327-328 e 2: LVI).

Num pequeno estudo sobre ânforas foi detetado, pelo menos, um exemplar de tipo tardo-púnico, o tipo T-7.4.3.3 ou Mañá C2b (Silva, 2005-2006, vol. I: 45, nota de rodapé 282), dados que permitem admitir uma ocupação do Ferro Recente.

Mais para montante, no estuário do Cávado, encontra-se o povoado do Alto da Torre. Fica localizado num remate de esporão na vertente nascente do monte de Catulo, na margem norte do Cávado, com visibilidade para oeste e para o interior da baía. Foi escavado em 1978 sob a direção de Carlos A. Brochado de Almeida, tendo os resultados sido publicados, de forma sumária, pouco depois (Almeida et al., 1980, entre outros). Um estudo efetuado por Bettencourt (1999: 1014; 2000: 128-129) dos materiais das camadas mais profundas da sondagem realizada revelaram ocupações da transição entre a Idade do Bronze e o Ferro Antigo.

Na margem sul do Cávado, em frente ao Alto da Torre, encontra-se o povoado de Faria, localizado num esporão da vertente noroeste do Monte da Franqueira, com ampla visibilidade e controlo sobre o estuário desse rio. Foi alvo de explorações arqueológicas, entre 1929 e 1949, pelo Grupo dos Alcaides de Faria. Nos primeiros anos da década de 80 (1981-1984) foi escavado sob a orientação de Carlos A. Brochado de Almeida. Aí foi encontrado espólio com grande amplitude cronológica, desde o Calcolítico até à época medieval, passando pelo Bronze Médio (?), Bronze Final, Ferro Antigo e Ferro Recente (Almeida 1996, vol. I: 291-403, 1997; Martins, 1990: 75; Bettencourt, 1999, 2000: 50-51).

Foram identificados por nós alguns materiais indígenas do Ferro Antigo e do Ferro Recente e de importação, provenientes das antigas escavações dos Alcaides de Faria e das escavações dos anos 80 que se encontravam inéditos. Entre os materiais de impor-

3. Este povoado encontra-se em vários inventários de dissertações de mestrado e de teses de doutoramento (Silva, 1986; Queiroga, 1992; Dinis, 1993) mas julgava-se irremediavelmente destruído, até 2019.

4. De referir que analisámos as coleções das escavações antigas deste local que se encontravam praticamente por estudar.

tação do Ferro Antigo destacamos oito fragmentos cerâmicos de origem ática⁵, um bordo de um provável *pithos* (com uma cronologia entre o séculos VI-V a.C.) (Fig. 2) fragmentos de cerâmica de origem meridional que, pelas suas características técnicas (pastas, muito depuradas e com cores que oscilam entre o rosado claro, o amarelado, o alaranjado com aguada negra na superfície, e ainda um outro grupo com engobe de cor avermelhada) puderam ser separados em cinco grupos. Ao Ferro Antigo devemos, ainda, atribuir uma conta de colar vítrea oculada (Gomes, 2012). Quanto às importações do Ferro Recente, contamos com contentores anfóricos dos tipos de Haltern 70, Ovóide 1 e Ovóide 6, entre outros (Fig. 2). Nesta fase cronológica, cabem, também, 49 contas de colar de diminuta dimensão, de cor azul-cobalto (Gomes, 2012). As comunidades a partir deste povoado observariam boa parte dos povoados ocupados nesta área (Fig. 3).

Mais a jusante, na margem sul do rio Cávado (Fig. 3), destacamos o povoado do Outeiro dos Picotos, implantado numa colina de baixa altitude, sobranceira a uma curva acentuada do rio em local tradicional de travessia do rio, por barca. Com base nos materiais de superfície, foi proposto (Almeida 1996) que o local teria sido ocupado desde o da Idade do até ao fim do império romano, talvez devido à via romana que ligaria o Porto ao norte da Península Ibérica, pela costa, com travessia do rio Cávado na Barca do Lago (Almeida, 1968; Almeida, 1996). Foi classificado como “castro agrícola”.

No interflúvio Cávado – Ave, fica o povoado de São Félix, localizado no monte do mesmo nome e na plataforma litoral e com domínio visual para os povoados de S. Lourenço, a norte, o de Terroso, a su-sudoeste e o de Bagunte a su-sudeste, além do controlo visual sobre o atlântico. Das cerâmicas que observámos, provenientes das escavações de Rocha Peixoto, em 1907⁶ e foi possível determinar, pela primeira vez, que aqui existiu uma ocupação do Ferro Recente⁷, sendo muito provável uma outra, do Ferro Antigo, atendendo às informações sobre o aparecimento das duas arrecadas de ouro (Silva, 1986: 241-243): quan-

5. Três destes já estudados por Daniela Ferreira (2019: 254-255), um deles é o bordo de uma forma tipo *Kratêr-de-sino*.

6. Depositadas no gabinete de arqueologia da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim.

7. Destacam-se formas como talhas (forma 5) e painéis de asa em orelha (forma 6), típicas deste período.

do “abrindo alicerces para um moinho, encontrou as arrecadas de ouro; diz que estavam á profundidade de quatro palmos, dentro de uma púcara de barro que se quebrou, no meio de entulho de terra e pedras; a púcara estava debaixo d’uma lamina de shcisto negro e assentava sobre telha ou tijolo, que ao achador parecia de lareira.” (Severo, 1905-1908: 404). Estas peças incluídas por A. Silva (2014), no seu tipo A, são datáveis entre os séculos V a.C. e II a.C.

Ainda na plataforma litoral, o povoado de Terroso localizado no topo do Monte de São Salvador, a cerca de 5 km da costa, tem ampla visibilidade para o oceano atlântico. Foi sendo escavado, desde dos anos 20, sobretudo por figuras destacadas da arqueologia, como Rocha Peixoto e José Fortes. Das suas primeiras explorações arqueológicas foram sendo publicados alguns artigos, entre os anos 30 e 70 (Pinto, 1928; 1932; Almeida, 1972). A partir dos anos 80, iniciaram-se escavações sob a direção de Armando Coelho da Silva, José Flores Gomes e Deolinda Carneiro. Estas possibilitaram registar, pelo menos, duas fases de ocupação: uma do Ferro Antigo, com materiais de importação (um fragmento de um vaso de tipo púnico segundo Silva (1986: LXXX, n.º 11)) e outra da Idade do Ferro Recente (Silva, 1986; Gomes, 1996). A presença de vasos de bordo horizontal permitiu admitir que o local teria estado também ocupado durante o Bronze Final (Gomes, 1996), hipótese que já tinha sido avançada por José Fortes (1905-1908: 662-665). Fruto das nossas pesquisas registamos, nos níveis mais antigos escavados neste povoado, cerâmica cujas características técnicas (produção manual, pasta arenosas, cozedura redutora e textura grosseira) se inserem na Idade do Bronze. No entanto, o seu estado de fragmentação e de erosão (demonstrativo de terem estado ao ar livre durante muito tempo) e os fragmentos de bordo horizontal datados do Bronze Médio (Bettencourt, 1999; Sampaio, 2014) indiciam que a ocupação será provavelmente deste período cronológico-cultural. Uma data de C14, inédita, da camada mais profunda da Idade do Ferro, deste povoado, aponta que esta se terá verificado entre o séc. IV e II a.C..

Do Ferro Recente devemos destacar vários materiais de importação, como tipos anfóricos tardo-republicanos (por exemplo os tipos Haltern 70 e Fabião 67) e alto imperiais (por exemplo os tipos Dressel 7-11, Dressel 12 e Dressel 30) de várias proveniências, concretamente península itálica, vale do Guadalquivir e Bética costeira (Paiva, 1993).

Deste contexto cronológico parece-nos importante trazer à colação um fragmento, inédito, de cerâmica de origem setentrional. Trata-se de um bojo decorado por aplicação plástica, apelidada de decoração perlada (Fig. 4), decoração comum nas Rias Baixas Galegas (Castiñeira, 1991), até à margem sul rio Minho, que deve ser considerada, neste contexto, como elemento de intercâmbio durante o Ferro Recente. Deste contexto cronológico serão, também, as duas contas vítreas, uma de cor negra e outra azul-cobalto estudadas por Gomes (2012).

Sobre uma colina da margem norte do rio Ave, implanta-se o povoado de S. João⁸, com visibilidade para o estuário e para o oceano. Foi recentemente escavado, no âmbito da arqueologia empresarial por parte da empresa ERA, Arqueologia S.A, sob a direção de Rui Pinheiro (Pinheiro, 2020). Pela análise do seu espólio, sobretudo cerâmico e metálico, realizada por nós, individualizámos uma ocupação datável da Idade do Bronze Final. Posteriormente, verificou-se uma ocupação do Ferro Antigo e, outra do Ferro Recente, que terá ocorrido entre os meados do séc. II a.C. até aos finais do séc. I d.C., cronologia proposta com base nos materiais cerâmicos e metálicos, alguns dos quais de importação. Esta última fase é a mais bem conhecida quer pelos materiais quer também pelas estruturas postas a descoberto, que consistem em cabanas de pedra e várias fossas, abertas no substrato rochoso, sendo muito evidente o aumento do intercâmbio suprarregional, especificamente com o mundo romano que dominava administrativamente o sul da Península Ibérica. É disso prova os vários materiais importados, não só os contentores anfóricos de várias proveniências (tais como Haltern 70, Ovóide 6 entre outros) mas, também, alguns materiais finos de mesa, como fragmentos de cerâmica cinzenta. Este material de importação data-se do séc. II a.C. até meados do séc. I d.C.: Para montante do povoado de S. João, a cerca de 4,5 km para nascente, na margem norte do estuário do Ave, encontra-se o de Santagões, pouco conhecido. Segundo Almeida (1992: 55), trata-se de um “castro agrícola” que terá sido ocupado no período romano, segundo Dinis (1993: 42-43). Pelos dados existentes

podemos propor (com reservas) que o sítio terá tido uma ocupação da Idade do Ferro Recente, sendo posteriormente, romanizado.

Para nordeste de Santagões, entre os rios Ave e Este, fica o povoado de Bagunte, no Monte da Cividade (a 205 m de altitude). Deste local avista-se o povoado anterior, o de S. João e o oceano atlântico, a cerca de 8,5 km. Tem vindo a ser escavado, desde os inícios do séc. XX (Severo e Cardoso, 1896). No entanto, os resultados e interpretações das estruturas e do espólio encontrado só foram publicados com maior detalhe, entre os anos 70 e 90 do séc. XX (Almeida, 1974; Silva, 1986, 2007: 200; Almeida, 1992; Dinis, 1993; Almeida, 1995). As escavações continuam, ao abrigo de vários PNTAS, propostos pela Câmara Municipal de Vila do Conde. Os materiais estudados, até 2020, colocavam este local entre o Ferro Recente (a partir do séc. II a.C.) e a Idade Média considerando-se o período de maior expansão do povoado, entre o séc. I a.C. e o I d.C. (Almeida e Almeida, 2015: 61). Num artigo recente, foram publicados materiais deste local, de entre o Bronze Final e a Idade Média. Do Bronze Final, será, ainda, o machado de aletas (Fig. 6), sem contexto, mas aparentemente encontrado na área deste povoado (Monteagudo, 1977: 142, Tafel 52, n.º 854; Almeida, *et al.* 2020). Trata-se de uma peça de importação meridional. Destacamos, ainda, dessa coleção, uma asa de secção bífida que, pela sua pasta e desengordurantes e forma devemos enquadrar numa produção de tipo púnico ou meridional, talvez de um vaso de tipo *pithoi*, datável do séc. VI/V a.C. (Fig. 4), ou seja, do Ferro Antigo.

No que concerne ao povoado da Retorta, na margem esquerda do Ave, localizado a oeste-sudoeste do povoado de Santagões e a este-sudeste do de S. João, poderá corresponder ao *Castro Celoria* referido em documentos medievais (Freitas, 1949). Terá tido ocupação da Idade do Ferro (provavelmente do Ferro Recente) e da época romana (Alarcão e Alarcão, 1963: 197; Dinis, 1993: 93-94; Moreira, 2009: 324) Já no interflúvio entre o Ave e o rio Onda, destacam-se os povoados de Boi (Dinis (1993: 94-95) e de S. Paio (Almeida e Pinto, 1994, 1996, 1996a; Oliveira, 2020). Relativamente ao primeiro, sobranceiro a um afluente da margem sul do Ave, mas com excelente visibilidade para o atlântico, há indícios de uma muralha, de um talude, e de fragmentos cerâmicos micáceos, pertencente a grandes recipientes. Parece ter tido uma ocupação do Ferro Recente, posteriormente

8. Agradecemos à empresa ERA, Arqueologia S.A., nas pessoas do Doutor Carlos Valera, José Pinheiro e José Carvalho o acesso aos dados (documentais e materiais) apurados nas escavações de 2019 deste povoado, no contexto de uma obra privada.

romanizado, tendo permanecido ocupado durante a Idade Média (Dinis, 1993: 94-95).

O povoado de S. Paio, num pequeno outeiro sobre o litoral, a escassos metros do oceano, foi alvo de escavações clandestinas, nos anos 60 e 80, e de escavações de salvamento/emergência, nos anos 90 do séc. XX. Os materiais destas escavações permaneceram inéditos, cerca de 30 anos.

O estudo do espólio, efetuado por nós, revelou três ocupações distintas: uma do Bronze Final, outra do Ferro Antigo e outra, ainda, do Ferro Recente (Fig. 5). As datações de radiocarbono vieram suportar os dados cronológicos inferidos pelo estudo dos materiais cerâmicos. Finalmente, destacamos que neste povoado não foram registados materiais cerâmicos de importação da Idade do Ferro Antigo, com exceção de quatro contas monocromáticas, de cor azul-cobalto (Gomes, 2012), encontradas num contexto selado, datável desta fase cronológica. Deste período foi, ainda, identificado o que poderá ser um ídolo (Fig. 6), talvez um bétilo. Possui um contorno ligeiramente oval, encontra-se polido intensionalmente e é de granito de grão fino.

5. POVOAMENTO E INTERCÂMBIO ENTRE OS ESTUÁRIOS DOS RIOS CÁVADO E AVE, ENTRE O BRONZE FINAL E O FERRO RECENTE

Para o Bronze Final conhecem-se apenas cinco povoados na área de estudo. São eles: S. Lourenço e Faria (no Cávado), S. João e Bagunte (no Ave) e S. Paio, no interflúvio Ave-Onda. Apesar de se encontrarem em situações topográficas diferentes, parecem distribuídos de forma a terem o controlo da linha costeira, da foz dos rios e dos seus estuários. Sendo as evidências de intercâmbio com o mundo meridional escassas (machado de aletas de Bagunte) e, provavelmente, ligadas com viagens exploratórias de grupos humanos com origem no Mediterrâneo, que a partir do sul conduziam estas viagens, os fatores que condicionaram o povoamento neste período cronológico-cultural seriam mais internos do que externos e, certamente, múltiplos.

Estes estariam relacionados com o controlo de vias naturais (como as da plataforma litoral, fluviais ou de vale), com a exploração de recursos mineiros metálicos (no caso de Faria existia a possibilidade de exploração de estanho de aluvião de Milhazes, nas proximidades e, no caso de Bagunte e de S. João,

seria possível explorar estanho de aluvião oriundo das jazidas primárias das Pedras Negras, existentes a montante, na bacia do Este). Alguns destes povoados também poderiam ter acesso à exploração de recursos mineiros não metálicos, como é o caso de S. Lourenço, onde a exploração de sal seria possível dada a grande quantidade de pias salineiras amovíveis encontradas nas praias a norte e sul da foz do Cávado, algumas delas datadas recentemente deste período⁹). Outros fatores de implantação importantes seriam a possibilidade de exploração de recursos marinhos (S. Lourenço, S. João e S. Paio) e fluviais (Faria e Bagunte). Há que ter em conta, também, as possibilidades agro-silvo-pastoris dos vales, da plataforma litoral e dos planaltos de baixa altitude, passíveis de uso por todos os povoados.

Parece não haver dúvidas de que todos os povoados da fase anterior continuam a ser ocupados durante o Ferro Antigo com maior ou menor evidência, ao qual acrescentamos o Alto da Torre, no estuário do Cávado, e os de S. Félix e de Terroso, no interflúvio Cávado-Ave. São agora oito os povoados que se distribuem de modo a puderem controlar a linha costeira, a foz dos rios e os seus estuários e, também, o início do corredor do rio Este (importante afluente do Ave) e rico em estanho.

Durante esta fase, há indícios claros de um ambiente de contactos com as áreas meridionais e com as populações fenício-púnicas, evidenciadas pela introdução de produtos exóticos, como materiais originários, não só, da área de Cádiz como, também, da área mediterrânica, nomeada cerâmica ática, além de contas de colar vítreas, oculadas. Materiais exóticos encontram-se em S. Lourenço e em Faria (à foz e estuário do Cávado, respetivamente), em Terroso (no interflúvio Cávado-Ave), em Bagunte (no estuário do Ave e foz do Este) e em S. Paio (no interflúvio Ave-Onda). Estes contactos também provocaram alterações tecnológicas, nomeadamente a utilização de aguadas (de cor vermelha ou negra) (Fig. 7) para conferir outra coloração às peças cerâmicas de fabrico local, o que denota uma prática e um hábito que poderá ter sido introduzido como forma de imitar tecnologia e decoração de cerâmica exógena, como, por exemplo, cerâmica de verniz negro itálica e grega, tal como acontece nas coleções de Faria (no estuário do Cávado), Terroso (no interflúvio Cávado-Ave),

9. Sobre a exploração de sal na Idade do Bronze ver Bettencourt et al. (2020, 2021) e Bettencourt e Sampaio (2023).

Bagunte (no estuário do Ave e foz do Este) e S. Paio (no interflúvio Ave-Onda).

Destacamos neste contexto o possível papel do povoado de S. Paio que, pela sua localização e configuração da costa, poderá ter sido uma espécie de ponto de referência para a navegação marítima (visto que se localiza numa espécie de promontório composto por caos de blocos granítico, em muitos quilómetros de costa) (Fig. 8). Talvez por isso se possa explicar o aparecimento de um possível bétilo – objeto cerimonial ligado às crenças religiosas das populações púnicas ou meridionais, segundo Rodríguez Corral (2008). De referir que há paralelos para Punta de Muiño de Vento, Vigo (González-Ruibal, 2006, González-Ruibal *et al.*, 2010-2011).

Devemos notar ainda que, em zonas mais interiores do curso do rio Este (a cerca de 23 km do litoral), encontram-se povoados que têm, também, materiais importados desta fase, em quantidade superior aos povoados costeiros. Tal é o caso de Ermidas e de Penices (Silva e Pinto, 2001: 233-235, 238; Pereira, 2011: 129; Ferreira, 2019: 250-253). Estes materiais teriam ali chegado por intercâmbio local, efetuado entre populações do litoral e do interior. Neste sentido, a ausência de materiais de importação em S. João, instalado perto da foz do Ave, talvez se deva explicar pela pequena área escavada, na vertente nascente. Seria expectável que este povoado fosse um importante recetor e difusor das novidades oriundas de sul, dada a sua localização geoestratégica.

O conjunto de materiais importados, se bem que em quantidades reduzidas, revela um novo padrão de consumo, relativamente à época anterior. Nesta fase, além de ocorrerem materiais de uso corporal (o caso das contas vítreas) surgem objetos destinados a conter/transportar e consumir (*krater* e *phitoi*) de uma bebida nova que se introduz com as novidades artefactuais.

Também é significativa a distribuição espacial dos povoados que recebem importações. Em primeiro lugar, nota-se que são os povoados dos estuários, face aos dos interflúvios, que recebem maior número de peças, o que é normal se pensarmos que os estuários seriam mais seguros para atracagem dos navios de longo curso. Também parece existir uma complementaridade entre os povoados litorais, os existentes na foz dos rios e os localizados mais a montante nos estuários, pois cada um deles poderia controlar percursos distintos das embarcações tendo, assim, possibilidade de contactar com os mais

próximos, noticiando esse acontecimento. Tal parece indiciar um modelo (que necessita de ser confirmado noutras áreas do noroeste português) em que vários povoados e populações estariam implicadas quer no controlo das navegações fenício-púnicas quer na receção das novidades e no contacto com os grupos exógenos. Este fenómeno, aliás, parece ser semelhante, ao verificado no estuário do Tejo, embora com um fundo histórico diferenciado (Arruda, 2015) e parece contrariar a ideia de *port-of-trade*, em que apenas um povoado receberia as novidades e depois as distribuiria por outros mais próximos, defendida por Silva e Pinto (2001) e por González-Ruibal (2006-2007).

As matérias trocadas pelas importações seriam o estanho e o ouro (de ter em conta a jazida aurífera da Lagoa Negra, perto do litoral da Póvoa de Varzim¹⁰) e o abastecimento das embarcações com água e víveres.

Durante o Ferro Recente o número de povoados aumenta consideravelmente, face à época anterior. Agora todos os mencionados no texto são ocupados nesta fase, em número de 13. Ainda assim, não se conhecem materiais de importação em todos eles, por motivos vários¹¹.

Os produtos cerâmicos consumidos são agora, na sua maioria, contentores anfóricos tardo-púnicos e tardo-republicanos (S. Lourenço, Senhor dos Desemparados, Faria, talvez Alto da Torre, Terroso, S. João, Bagunte, S. Paio), revelando que o importante são os subprodutos transportados nesses contentores, nomeadamente o vinho, salmouras e seus derivados e azeite. Chegam, também, cerâmicas finas de mesa, como em S. Lourenço, Terroso e S. João, evidenciando novos hábitos alimentares ou ostentação de novas vasilhas para consumos tradicionais, uma problemática que só se poderia resolver com análises de química orgânica a resíduos devidamente recolhidos.

Também aumentam os produtos de ostentação pessoal, como as contas de colar (S. Lourenço, Faria, Terroso, Penices, Ermidas e S. Paio).

10. Esta jazida, muito próxima do povoado de S. Félix pode explicar, em parte a sua localização, mas também o depósito áureo aí encontrado, bem como o depósito áureo, conhecido como “Tesouro da Estela” (Fortes, 1905-1908), na freguesia da Estela, na Póvoa de Varzim, já na plataforma litoral.

11. A ausência de escavações ou sondagens pequenas será o fator mais determinante.

Os protagonistas deste intercâmbio são já os romanos ou populações romanizadas que, por exploração e conquista do sul e centro da Península Ibérica vão contactando e promovendo trocas com as populações indígenas do noroeste. Os produtos procurados pelos romanos seriam os recursos mineiros metálicos (estanho, ouro e talvez ferro, abundante na serra de Rates).

De notar que, nesta fase, o intercâmbio não se verifica apenas de sul para norte, mas também da área setentrional para sul, evidenciado por poucos testemunhos (cerâmica perlada de Terroso). Desconhecemos se este tipo de produtos eram introduzidos por navegadores romanos (em viagens de regresso) ou por outros processos endógenos, como resultado de encontros ou pactos entre indígenas, dotes de casamento, entre outros.

A distribuição espacial dos povoados (Fig. 9) que receberam mais importações neste período, continuam a ser os das fozes e do interior dos estuários, face aos dos interflúvios, provavelmente pelos mesmos motivos considerados para o Ferro Antigo, estando, os povoados que se intervisualizam, provavelmente interligados em redes de solidariedade e / ou de identidade, no controlo da navegação marítima.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo conjunto de materiais de importação existentes no litoral, entre os estuários dos rios Cávado e Ave e o interflúvio Ave-Onda, pode afirmar-se que a frequência de contactos que possibilitaram a chegada desses produtos foi aumentando ao longo do I milénio a.C. Se, numa primeira fase, ou seja, durante o Bronze Final, esses contactos são muito incipientes, não parecendo interferir com dinâmicas internas de povoamento, a partir da Idade do Ferro eles vão-se tornando mais frequentes, sobretudo durante o Ferro Recente (Naveiro López, 1991; González-Ruibal, 2006-2007) onde claramente a navegação marítima é vigiada, tendo em conta a distribuição dos povoados e a sua capacidade de intervisibilidade, o que facilitaria a comunicação entre eles.

Ao compararmos a área de estudo, com outras do Noroeste peninsular (Naveiro López, 1991; González-Ruibal, 2006-2007, entre outros), o consumo de produtos exógenos parece ser algo incipiente e pouco expressivo, o que se poderá relacionar-se com as características de navegabilidade dos estuários do Cávado e do Ave, mas também, com a

quantidade de recursos mineiros, mais abundantes noutros locais da costa do Noroeste.

É necessário referir que estes contactos tiveram diversos protagonistas, ao longo do I milénio a.C.. A navegação rumo ao norte da Península Ibérica terá tido, desde cedo, objetivos claros: o conhecimento dos recursos e, posteriormente, o acesso ao estanho e ouro, existentes nesta área geográfica – as famosas “tin islands” (ilhas de estanho, Cassitérides ou Estrímnides) (Naveiro López, 1991; Cunliffe, 1999: 6).

É provável que os fenício-púnicos, que dominaram esta navegação até ao séc. III a.C. (Silva e Pinto, 2001: 235; González-Ruibal, 2006-2007: 502-517) tentassem, ao mesmo tempo, estabelecer feitorias em determinados locais, o que parece ter acontecido na área galega, nomeadamente em Punta de Moíño de Vento, na Vigo (González-Ruibal, 2006; González-Ruibal *et al*, 2010-2011). Na região em estudo não há, porém, qualquer indício de tal ter acontecido, pelo que a área, entre o Cávado e o interflúvio Ave-Onda, parece ter sido, apenas, ponto de paragem ocasional rumo a norte, sem alterações estruturais no modo de vida das populações indígenas. A partir do momento que os romanos se tornam os protagonistas das navegações marítimas (no séc. II a.C.), com objetivos exploratórios mais intensivos e de conquista (incursão de Decimus Junius Brutus a partir de 138-136 a.C. ao norte), aumenta a pressão externa sobre as comunidades indígenas litorais, com algumas alterações nos seus hábitos alimentares e de ornamentação, mas também, no reforço do povoamento ao longo da costa e nos estuários o que, provavelmente, foi acompanhado da construção de novas muralhas.

No entanto, o conhecimento fragmentário que temos de alguns povoados levanta ainda muitas questões que só a continuação de trabalhos de investigação poderão colmatar.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi desenvolvido no quadro de uma bolsa de doutoramento atribuída pela F.C.T., com a referência SFRH/BD/138105/2018, intitulado “A Idade do Ferro do litoral dos rios e Cávado. Materialidades, intercâmbio e traços de identidade”, a quem agradecemos. Esta bolsa de doutoramento foi financiada por verbas do Orçamento de Estado do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior e por verbas do Fundo Social Europeu, disponibilizadas ao abri-

go do PORTUGAL2020 que enquadrado os apoios estruturais da União Europeia para o período de 2014 a 2020, através, nomeadamente, do Programa Operacional do Capital Humano (PO CH) de acordo com as disposições regulamentares fixadas para o efeito. Este trabalho é orientado pelas Professoras Ana M. S. Bettencourt e Ana Margarida Arruda.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Carlos. Alberto. Brochado. (1992) – *Introdução ao PDM de Vila do Conde – Relatório de Arqueologia* (policopiado).

ALMEIDA, Carlos. Alberto. Brochado. (1995) – A romanização concelho de Vila do Conde. *Actas do Congresso comemorativo da Morte de Alberto Sampaio*, Guimarães, pp. 51-72-

ALMEIDA, Carlos. Alberto. Brochado. (1996) – *Povoamento Romano do Litoral Minhoto entre o Cávado e o Minho*. Vol. I a VII. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto FLUP (Tese de doutoramento – policopiada).

ALMEIDA, Carlos. Alberto. Brochado., ALMEIDA, Pedro. Brochado., MORAIS, Rui., FILIPE, Ana. Rita. (2020) – Materiais arqueológicos da Cividade de Bagunte presentes no Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto. *Portugalia*, Nova Série, vol. 41, Porto, DCTP-FLUP, 2020, pp. 51-90 DOI: <https://doi.org/10.21747/09714290/port41a4>.

ALMEIDA, Carlos. Alberto. Brochado.; ALMEIDA, Pedro. Brochado. (2015) – Alguns apontamentos sobre a cidade de Bagunte – Vila do Conde. *Portugalia*, Nova Série, vol. 36, Porto, DCTP-FLUP, pp. 49-62.

ALMEIDA, Carlos. Alberto. Ferreira. (1968) – *Vias Medievais de Entre-Douro-e-Minho* (Texto policopiado), FLUP, Porto.

ALMEIDA, Carlos. Alberto. Ferreira. (1972) – Póvoa de Varzim e o seu aro na Antiguidade. *Boletim Cultural da Póvoa do Varzim*, 11 (1), pp. 5-34.

ALMEIDA, Carlos. Alberto. Brochado.; SOEIRO, Teresa. (1980) – Sondagens dos castros de Abade de Neiva e Roriz (Barcelos, 1978). *Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular (Guimarães, 1978)*, pp. 29-35.

ALMEIDA, Carlos. Alberto. Ferreira. (1974) – Cerâmica Castreja. *Revista de Guimarães*, 84, pp. 171-197.

ARRUDA, Ana. Margarida. (1999-2000) – *Los fenicios en Portugal: fenicios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII – VI a.C.)*. Cuadernos de Estudios Mediterráneos, vol. 5-6, Barcelona.

ARRUDA, Ana. Margarida. (2015) – Idade do Ferro Orientalizante no vale do Tejo: as duas margens de um mesmo rio. *Territorios comparados: los valles del Guadalquivir, el Guadiana y el Tajo en época tartésica*, *Anejos de Archivo Español de Arqueología*, 80, pp. 283-294.

BETTENCOURT, Ana. Maria. Santos. (1999) – *A Paisagem e o Homem na bacia do Cávado durante o II e o I milénios AC*, 5 vols. Braga: Universidade do Minho (Tese de Doutoramento – Policopiada).

BETTENCOURT, Ana. Maria. Santos. (2000) – *Estações da Idade do Bronze e Inícios da Idade do Ferro da Bacia do Cávado (Norte de Portugal)*. Cadernos de Arqueologia – Monografias 11. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.

BETTENCOURT, Ana. Maria. Santos., SAMPAIO, Hugo. Aluai. (2023) – Património arqueológico e alterações climáticas. O caso da exploração de sal no litoral norte de Portugal entre o 2º e o 1 milénios a.C., poster apresentado no evento *Alterações Climáticas. Comemorações do 46º aniversário do ICS*, ICS, Braga, 7 de junho de 2023.

BETTENCOURT, Ana. Maria. Santos.; LUZ, Sara.; OLIVEIRA, Nuno.; SIMÕES Pedro, Pimenta; ALVES, MIC; ABAD-VIDAL, Emilio (2020) – “Produção de sal marinho na Idade do Bronze do Noroeste Ibérico. Alguns dados para uma reflexão”, in José Manuel Arnaud; César Neves; Andrea Martins (eds.), *Arqueologia em Portugal 2020 – Estado da Questão*. Lisboa: AA, 987-1000.

BETTENCOURT, Ana. Maria. Santos.; LUZ, Sara.; OLIVEIRA, Nuno.; SIMÕES Pedro, Pimenta; ALVES, M.I.C.; ABAD-VIDAL, Emilio (2021) – Bronze Age sea salt production in Northwest Iberian Peninsula. In Cyril Marcigny, Claude Mordant (eds.), *Bronze 2019: 20 ans de recherches (Suppléments n° 7 au Bulletin de l'APRAB)*, pp. 409-420.

CASTIÑEIRA, Josefa. Rey. (1991). *Yacimientos castreños de la vertiente atlántica: análisis de la cerámica indígena*. (Dissertação de Doutoramento – Policopiada), Universidade de Santiago de Compostela.

CUNLIFFE, Barry. (1999) – Atlantic Sea-Ways. *Revista de Guimarães*, Volume especial, Actas do Congresso de Proto-História Europeia, pp. 93-105.

DINIS, António. (1993) – *Ordenamento do território do Baixo Ave no I Milénio a.C.* Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

FERREIRA, Daniela. (2019) – *A Cerâmica Grega na fachada atlântica da Península Ibérica*. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Geografia e História, Universidade Complutense de Madrid.

FERREIRA, Daniela. (2019a) – Cerâmica grega do Noroeste de Portugal. In E. Albelda Ferrer (ed.) *La ruta de las Estrimnides*, Monografías de GAHIA, 4, Alcalá de Henares, Sevilla, pp. 521-548.

FORTES, José. (1905-1908) – Ouros protohistoricos da Estella. *Portugalia*, 2, pp. 604-618.

FORTES, José. (1905-1908) – Vasos em forma de chapéu invertido (Vila do Conde). *Portugalia*, 2, pp. 662-665.

- FREITAS, Eugénio. Andrea. Cunha. (1949) – Santa Marinha de Retorta. *Douro Litoral*, 3, pp. 20-27.
- GOMES, Hugo. Fernando. Parracho. (2012) – *O Vidro pré-romano no Norte de Portugal*. Porto: Universidade Fernando Pessoa (Dissertação de Mestrado – Policopiada).
- GOMES, José Manuel Flores (1996) – *Cidade de Terroso e Vila Mendo. Aspectos da protohistória e romanização do litoral minhoto*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- GONZÁLEZ-RUIBAL, Alfredo (2006) – Past the Last Outpost: Punic Merchants in the Atlantic Ocean (5th-1st centuries BC). *Journal of Mediterranean Archaeology*, n.º 19.1, Cyprus American Archaeological Research Institute, Nicosia, Chipre, pp. 21-150 <https://doi.org/10.1558/jmea.v19i1.121>.
- GONZÁLEZ-RUIBAL, Alfredo (2006-2007) – *Galaicos: poder y comunidad en el noroeste de la Península Ibérica (1200 a.C. - 50 d.C.)*, *Brigantium*, vol. 8, CSIC, Museo Arqueológico e Histórico do Castelo de San Antón, A Coruña.
- GONZÁLEZ-RUIBAL, Alfredo; RODRÍGUEZ MARTÍNEZ, Rafael; AYÁN VILA, Xurxo (2010-2011) – Buscando a los púnicos en el noroeste. *Mainake*, XXXII, pp. 577-600.
- GRANJA, Helena; ROCHA, Fernando; MATIAS, Manuel; MOURA, Rui; CALDAS, Francisco; MARQUES, Joana; TARECO, Hélder (2009) – Lagoa da Apúlia: A residual lagoon form the late Holocene (NW coastal zone of Portugal). *Quaternary Internacional*, pp. 1-12.
- MARQUES, Marta (2012) – *Povoamento litoral entre o Cávado e o Lima: das origens às invasões árabes*. (3 Vols.). Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Tese de Doutoramento).
- MARTINS, Carla Brás (2008) – *As influências mediterrânicas na ourivesaria proto-histórica de Portugal*. Edição de EDAR (Ediciones Arqueológicas y Patrimonio, Barcelona).
- MARTINS, Manuela (1990) – *O povoamento proto-histórico e a romanização da bacia do curso médio do Cávado*. Cadernos de Arqueologia – Monografias 5. Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, Braga.
- MONTEAGUDO, Luis (1977) – *Die Beile auf der Iberischen Halbinsel. Prahistorische Bronzefunde*, IX, 6, Munique.
- MORAIS, Rui; ARRUDA, Ana Margarida; FERREIRA, Daniela; SOUSA, Elisa (2017) – Uma simbiose perfeita: gregos e fenícios nas Hespérides Ocidentais Atlânticas. In Aquilué, J., Cabrera Paloma, Orfila Margarita (Eds). *Homenaje a Glòria Trias Rubiés Cerámicas griegas de la Península Ibérica: cincuenta años después (1967-2017)*, Centro Iberia Graeca, pp. 254-262.
- MOREIRA, Álvaro Brito (2009) – *Castellum Madiae: Formação e desenvolvimento de um “aglomerado urbano secundário” no ordenamento do povoamento romano entre Leça e Ave*. (Tese de Doutoramento apresentada a Universidade de Santiago de Compostela).
- NAVEIRO LÓPEZ, Juan (1991) – *El comercio antiguo en el N.W. peninsular: lectura histórica del registro arqueológico*. Museo Arqueológico de A Coruña, A Coruña.
- OLIVEIRA, Nuno (2020) – *Relatório preliminar de estudo dos materiais arqueológicos do Castro de S. Paio (Vila do Conde)*. Relatório apresentado à Câmara de Vila do Conde, Braga.
- PAIVA, Maria (1993) – *As ânforas romanas dos castros da fachada atlântica do Norte de Portugal*. Tese de mestrado apresentada à Universidade do Porto.
- PEREIRA, Gabriel (2011) – *Dinâmicas culturais e influências meridionais no NW peninsular*. Tese de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- PEREIRA, Gabriel (2019) – Artefactos, encuentros e ideas: reflejos meridionales en la protohistoria del noroeste de Portugal. E. Albelda Ferrer (ed.) *La ruta de las Estrímnides Navegación y conocimiento del litoral atlántico de Iberia en la Antigüedad*, Monografias GAHIA, n.º 4, Alcalá de Henares, Sevilla, pp. 449-497.
- PINHEIRO, Rui (2020) – Do Castro de S. João ao Convento de Santa Clara: Notícia de uma intervenção arqueológica, em Vila do Conde. Arnaud, J. M., Neves, C. e Martins, A. (Ed.) *Arqueologia em Portugal – 2020 Estado da Questão*, Lisboa, pp. 1083 – 1094. DOI: <https://doi.org/10.21747/978-989-8970-25-1/arqa78>.
- PINTO, Paulo Costa; ALMEIDA, Carlos Alberto Brochado (1994) – *Relatório da escavação do Castro Sampaio, Moreiró, Labruge, Vila do Conde*. Relatório Policopiado.
- PINTO, Paulo Costa; ALMEIDA, Carlos Alberto Brochado (1994a) – *Relatório de escavações, campanha de 1994, Castro de S. Paio. Labruge, Vila do Conde*. Relatório Policopiado.
- PINTO, Paulo Costa; ALMEIDA, Carlos Alberto Brochado (1996) – *Relatório de escavações, campanha de 1995, Castro de S. Paio. Labruge, Vila do Conde*. Relatório Policopiado.
- PINTO, Rui Serpa (1928) – Cidade de Terroso (Póvoa de Varzim). *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*. Porto. 4: 1, pp. 311-312.
- PINTO, Rui Serpa (1932) – A Cidade de Terroso e os Castros do Norte de Portugal. *Revista de Guimarães*, 42, pp. 81-91.
- QUEIROGA, Francisco (1992) – *War and Castros. New; approaches to the northwestern portuguese Iron Age*, Oxford (Dissertação de Doutoramento – Policopiada).
- RODRÍGUEZ CORRAL, Javier (2008) – Galicia Púnica. *Clío: Revista de Historia*, n.º 80, pp. 48-57.
- SAMPAIO, Hugo Aluai (2014) – *A Idade do Bronze na bacia do rio Ave (Noroeste de Portugal)*. Braga: Universidade do Minho (Dissertação de Doutoramento).
- SEVERO, Ricardo (1905-1908) – As arrecadas d’ouro do Castro de Laundos. *Portugalia*, 2, pp. 403-412.
- SEVERO, Ricardo; CARDOSO, Artur; SARMENTO, Francisco Martins (1886) – Notícias archeológicas sobre o Monte da Cidade. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 3:3, pp. 137-145.
- SILVA, Armando Coelho Ferreira (1986) – *A Cultura Castreja do Noroeste de Portugal*. Câmara Municipal de Paços de Ferreira.

SILVA, Armando Coelho Ferreira; PINTO, José Marcelo Mendes (2001) – Comércio púnico com o Noroeste. In TAVARES, A. A.; TAVARES, M. J. F.; CARDOSO, João Luís (Ed.). *Os Púnicos no Extremo Ocidente*. Actas do Colóquio Internacional, Lisboa, 2001, pp. 229-238.

SILVA, Ana Rita Vaz (2014) – *Leituras sobre Ourivesaria Arcaica Portuguesa. Brincos, Contextos e Expressão Territorial*. Coimbra: Universidade de Coimbra (Dissertação de Mestrado).

SILVA, Luís Jorge Sacramento Guedes (2005-2006) – *Ânforas do Castro de S. Lourenço. Vila-Chã-Esposende*. (Trabalho realizado para avaliação na disciplina de Seminário de Projecto no âmbito da Licenciatura em Arqueologia, Faculdade de Letras da Universidade do Porto (texto policopiado).

SOUSA, Elisa (2019) – O Comércio na Costa Atlântica Portuguesa durante a segunda metade do 1º milénio a.C. *La ruta de las Estrímnides Navegación y conocimiento del litoral atlántico de Iberia en la Antigüedad*, Monografías GAHIA, n.º 4, Universidad de Alcalá e Universidad de Sevilla, pp. 499-520.

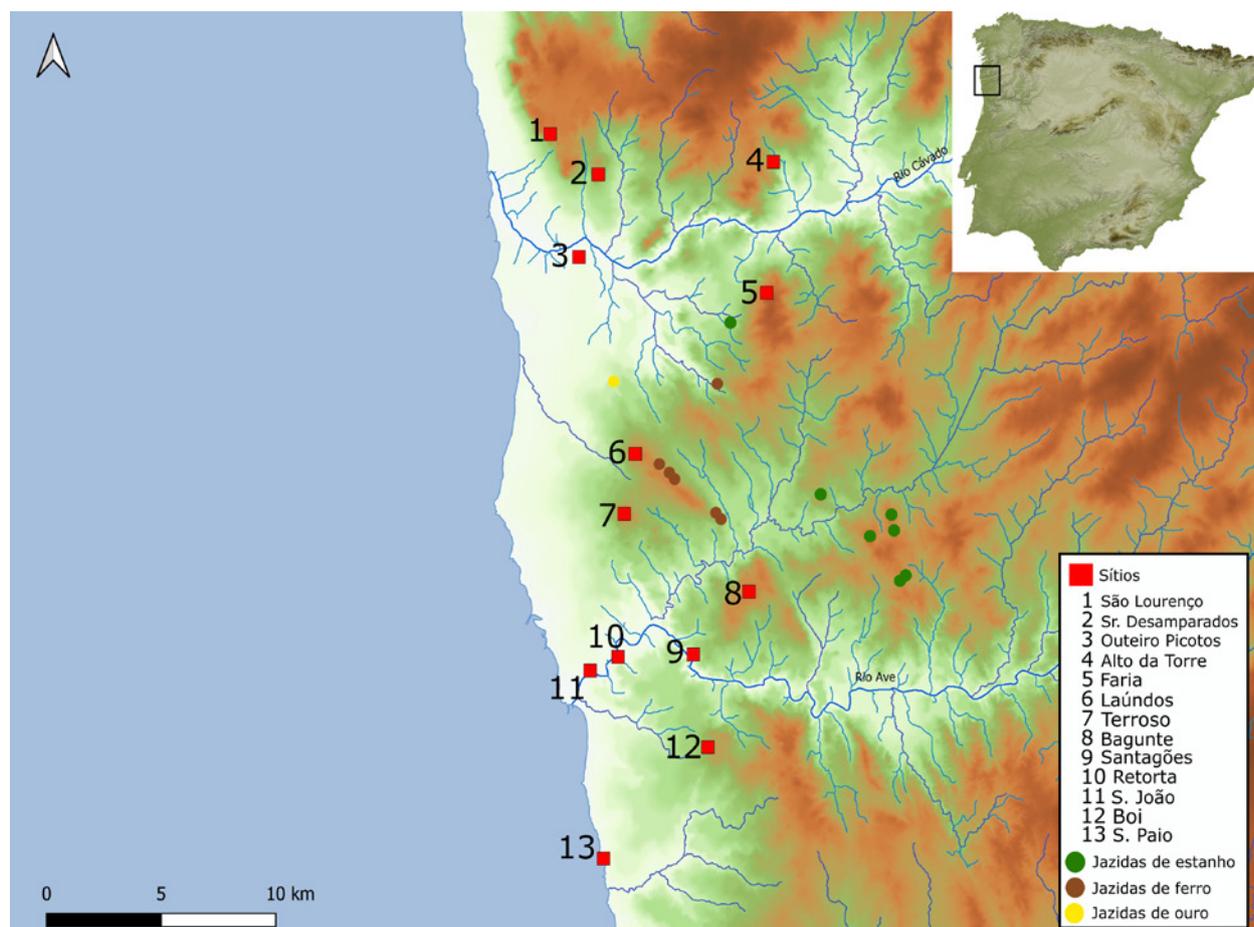


Figura 1 – Área litoral entre o rio Cávado e Ave com a localização dos povoados mencionados e jazidas de minérios metálicos na região. Área de estudo destacada da Península Ibérica.

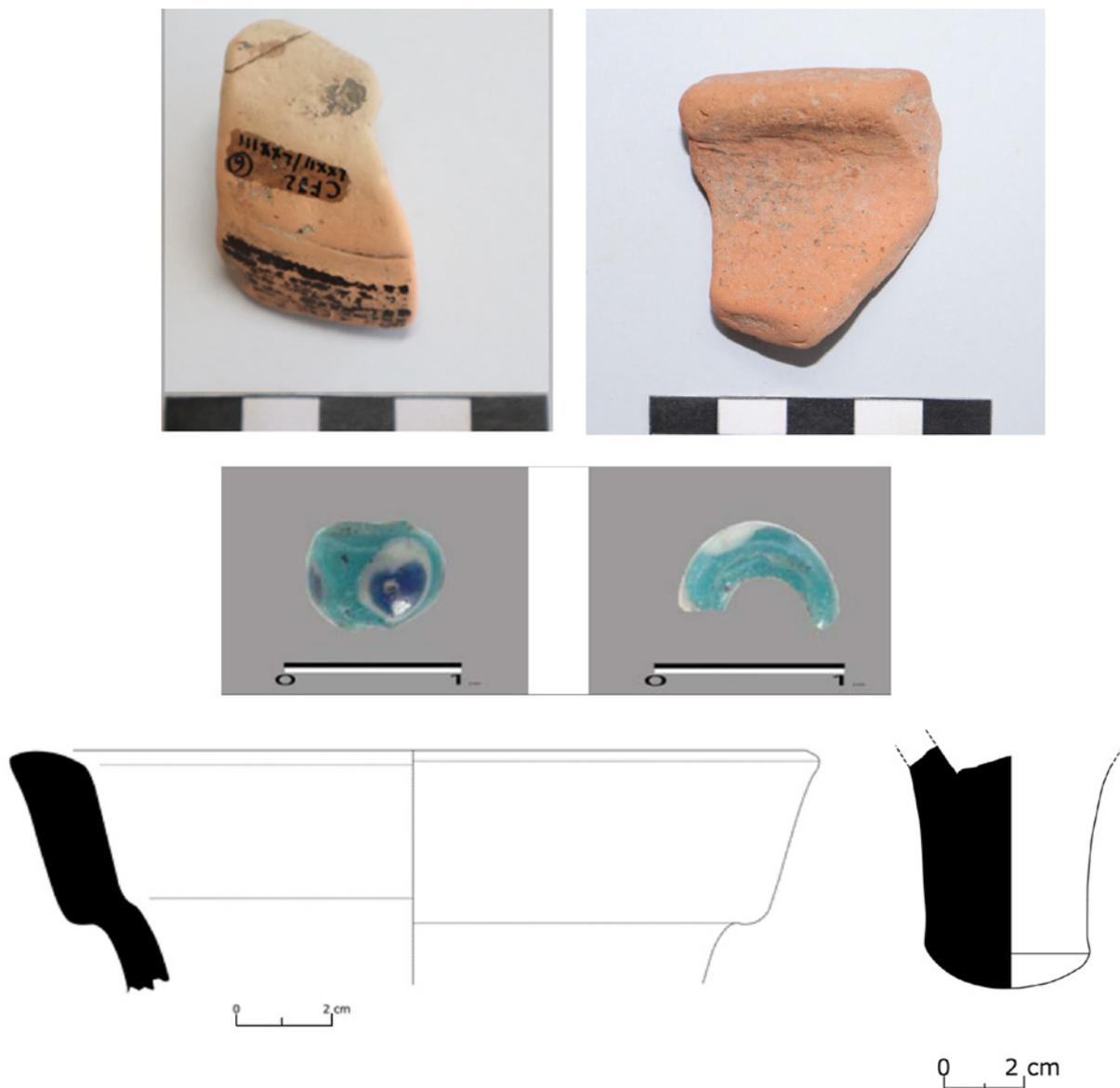


Figura 2 – Materiais de importação de Faria (da esquerda para a direita, e de cima para baixo): 1) pé ou base de cerâmica ática; 2) forma pithoi; 3) conta de colar oculada; 4) bordo de ânfora Haltern 70; 4) fundo de ânfora de Ovóide 6.

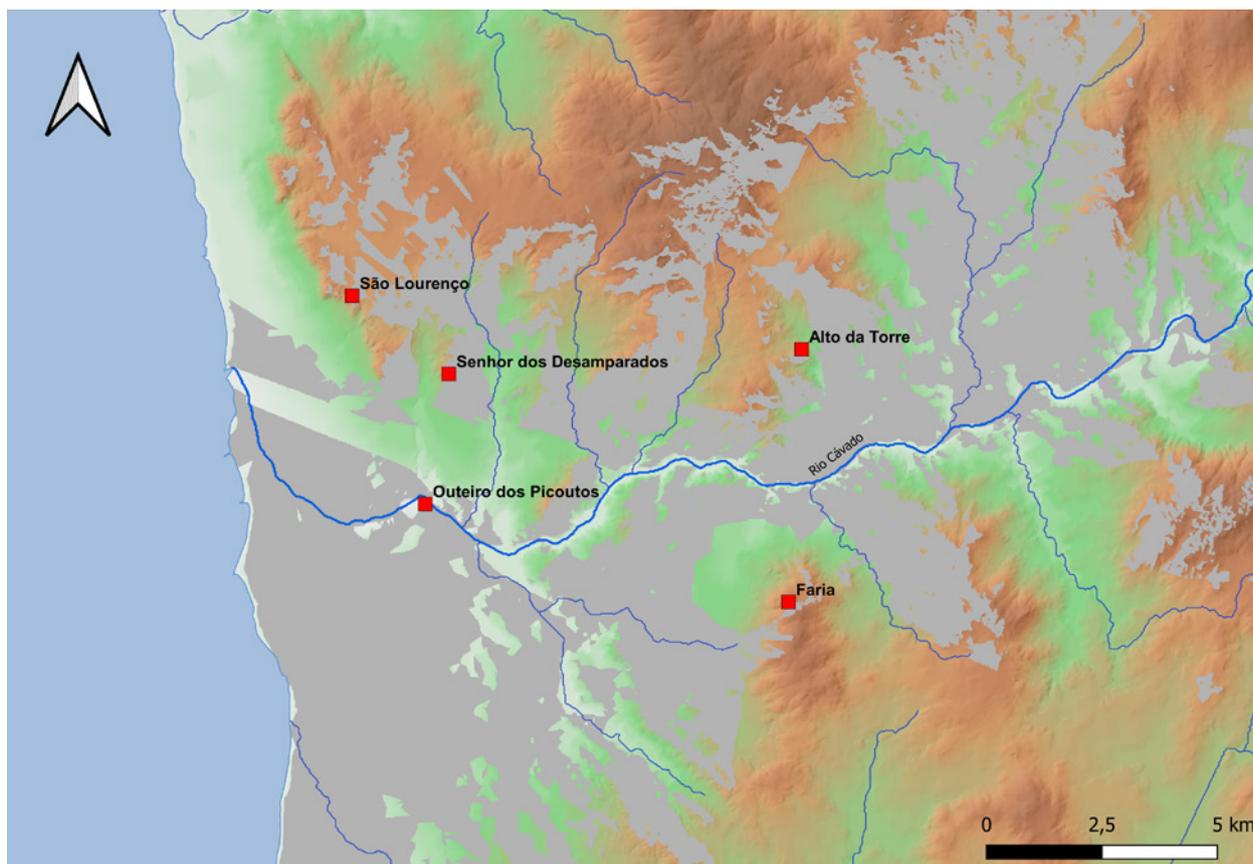


Figura 3 – Estuário do rio Cávado: intervisibilidade a partir do povoado de Faria para os restantes povoados nessa área. Intervisibilidade a cinzento claro.



Figura 4 – Materiais de importação: 1) Bojo decorado por decoração perlada de Terroso (Fot. do Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim); 2) Fragmento de asa bífida de origem púnica de Bagunte.



Figura 5 – Povoado de S. Paio (Vila do Conde), visto de sul.

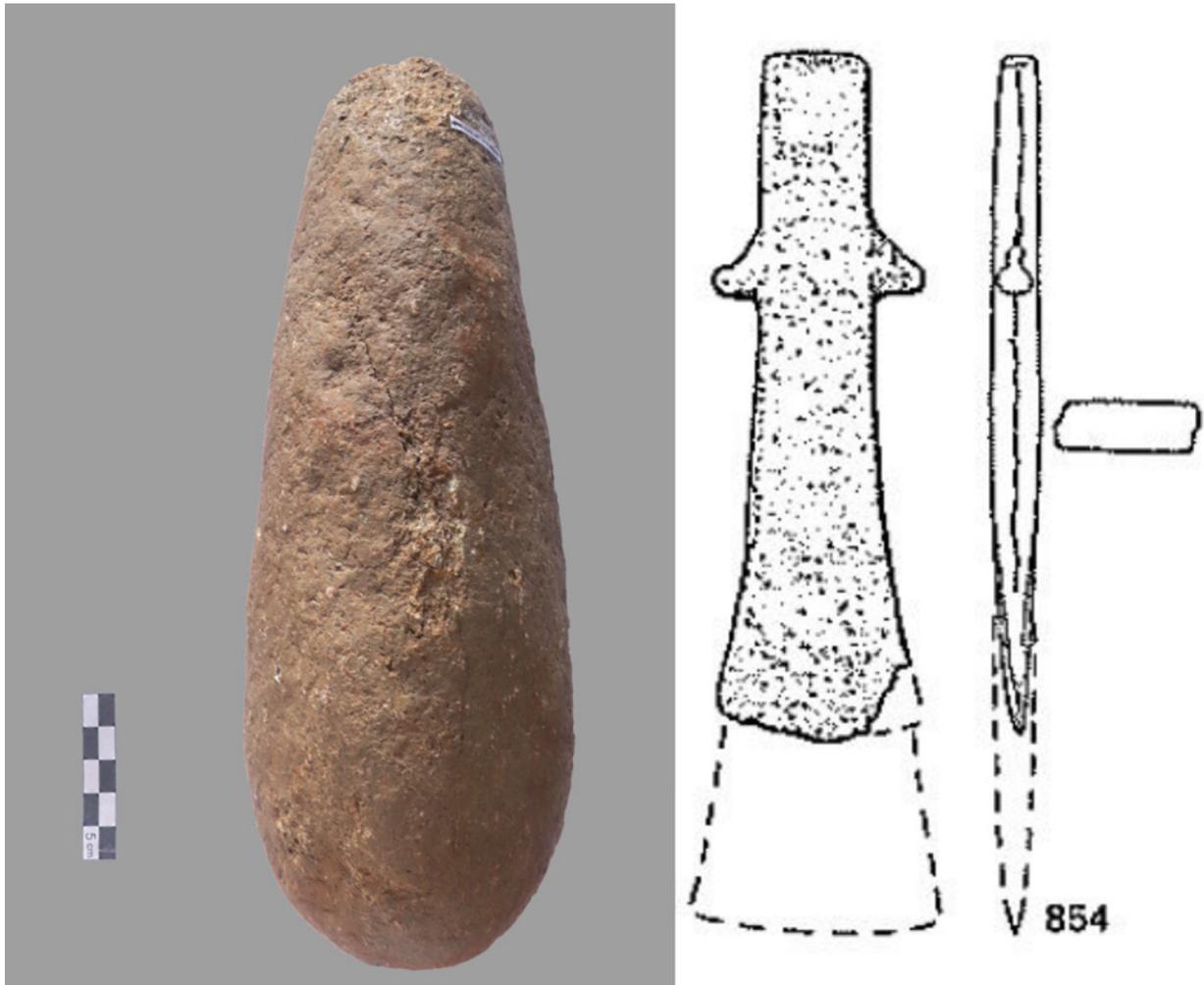


Figura 6 - 1) Possível bétilo de S. Paio; 2) Machado de aletas de Bagunte (Monteagudo 1977: tafel 52, n.º 854)



Figura 7 - Fragmentos com aguada escura em cerâmica indígena registada em Terroso, S. João e S. Paio.



Figura 8 – Localização de S. Paio, na costa arenosa, ao lado de vários caos de blocos graníticos (Fonte: Google Earth, imagem de 2021).

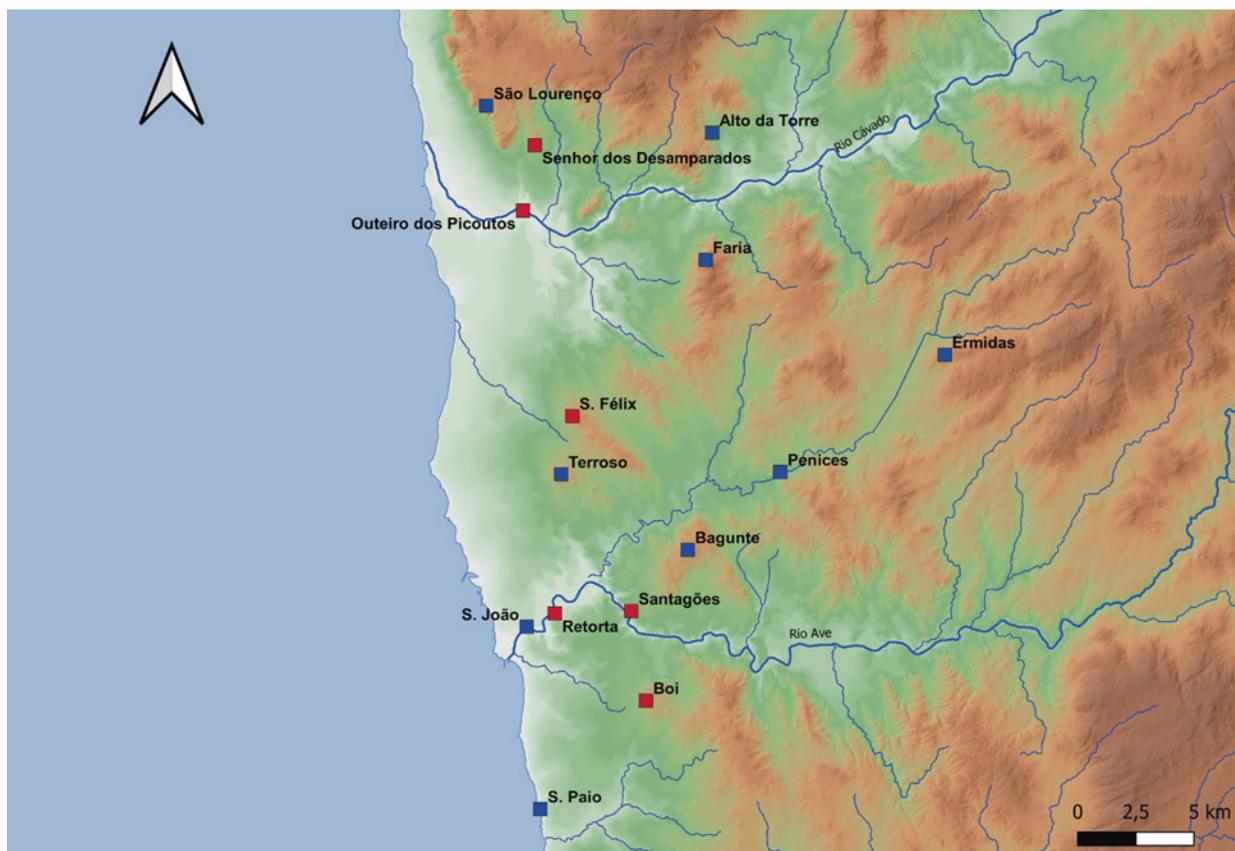


Figura 9 – Povoados da área mencionados no texto: em cima os povoados com ocupação no Ferro Antigo, e em baixo s povoados com ocupação no Ferro Recente.



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

 **REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA**

1290 

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE D
COIMBRA


INSTITUTO
ARQUEOLÓGICO E
ETNOLÓGICO
DIREÇÃO - FACULDADE DE LETRAS - UC
PALÁCIO DE SUB-RIPAS


**CENTRO DE
ESTUDOS INTERDISCIPLINARES**
CEIS30 | Universidade de Coimbra

 **Centro de Estudos
em Arqueologia,
Artes
e Ciências do Património**
UI&D 281

fct
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia
UIDB/0046/2020

Apoio Institucional:

**PATRIMÓNIO
CULTURAL**
Departamento do Património Cultural

 **MUSEU NACIONAL
DE MACHADO DE CASTRO**

Coimbra

 **seminário
maior de coimbra**